

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (*Per*)cursos da graduação em História: *entre a iniciação científica e a conclusão de curso*, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontínuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontínuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

FERNANDA BOM-FIM DE CASTRO

**NACIONALISMO GALEGO, CELTISMO E A POESIA  
OITOCENTISTA DE EDUARDO PONDAL (1835-1917)**

UBERLÂNDIA  
MARÇO/2017

FERNANDA BOM-FIM DE CASTRO

**NACIONALISMO GALEGO, CELTISMO E A POESIA  
OITOCENTISTA DE EDUARDO PONDAL (1835-1917)**

Trabalho monográfico para conclusão do curso  
de Licenciatura e Bacharelado em História, pela  
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Daniela Magalhães da Silveira

UBERLÂNDIA

MARÇO/2017

FERNANDA BOM-FIM DE CASTRO

**NACIONALISMO GALEGO, CELTISMO E A POESIA OITOCENTISTA DE  
EDUARDO PONDAL (1835-1917)**

Monografia defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, pela banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Daniela Magalhães da Silveira.

(Orientadora)

---

Prof.º Dr. Gilberto César de Noronha

---

Prof.º Lucas Martins Flávio

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais - Nelma Castro e Paulo Bonfim – pelo apoio durante essa longa jornada e também por terem apoiado a minha escolha em fazer História. Agradeço a Vivian Assunção pela amizade e pelo encorajamento. Agradeço a Kélen Vieira pela amizade e por me acolher nos grupos de trabalho durante a graduação.

Agradeço imensamente a Professora Daniela Silveira por ter aceitado a me orientar e pela paciência, agradeço ainda por ter me apresentado a riquíssima literatura latino-americana feita por mulheres e a professora Ana Flávia por ter feito eu me encantar por História do Brasil. Agradeço aos Professores Deivy Carneiro e Marcelo Lapuente Mahl por terem sido ótimos docentes e por serem profissionais inspiradores.

Agradeço a amizade e o apoio dos meus nobres amigos célticos: Leila Rangel por compartilhar aflições acadêmicas e sempre ter uma palavra de apoio, assim como Fábio Camacho por sempre ter uma palavra de incentivo em relação ao mundo e as “coisas” célticas. Agradeço a Erick Carvalho por compartilhar parte de sua bibliografia e de sua pesquisa comigo, além de ajudar na minha pesquisa foi também uma inspiração dentro do campo de pesquisa em que se inclui essa monografia. A Bruno Oliveira pelas boas conversas, incentivo, dicas e pela bibliografia também cedida.

Agradeço aos meus amigos (virtuais) galegos, que de forma direta ou indireta contribuíram para a essa pesquisa e para que eu entendesse um pouco melhor a realidade atual da Galiza: Marcial Tenreiro Bermudez, André Pena Granha, José Manuel Barbosa e Marcos Celeiro.

Agradeço ao Professor Gilberto Noronha pela oportunidade de trabalhar em um projeto de pesquisa, e ao meu companheiro de projeto Johny Assunção por aguentar minha reclamação e compartilhar as dificuldades e as conquistas do decorrer do projeto.

“A nação nasce de uma invenção, mas só se mantém viva com a adesão coletiva a essa ficção [...] não há dúvida que nessa adesão irá colaborar de forma decisiva a elaboração de um sistema literário autônomo e outros elementos simbólicos entre os quais avulta a existência de uma língua”. SALINAS Portugal apud Maria do Amparo Tavares. *O celtismo no processo identitário galego. A literatura fundacional*.

"Os acontecimentos serão mais tarde recriados pelos historiadores. A necessidade de recriar um mito de coerência pode ser uma das razões que justificam a existência da própria história". KING, Stephen. *A Torre Negra, A Torre Negra*, Volume VII.

## Resumo

O presente trabalho monográfico **Nacionalismo Galego, Celtismo e a poesia oitocentista de Eduardo Pondal (1835-1917)** têm como objetivos principais compreender o movimento do *Rexionalismo galego* e seu apelo nacionalista; e analisar como a obra poética de Pondal se insere neste contexto e de que forma ela contribuiu para o movimento do *Rexurdimento* cultural da Galiza. O trabalho foi dividido em dois capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo tem como objetivo oferecer um panorama de como um dos ideólogos do movimento do *Rexionalismo Galego*, Manuel Murguía, constrói uma história da Galiza para afirmar a identidade individual desta. Além disso, dentro do seio do Estado Espanhol, apresentar a base teórica murgiana, do *Rexionalismo Galego* de caráter liberal, na qual o autor estudado, Eduardo Pondal, se insere. Com isso, tornou-se importante fazer uma discussão ampla sobre nacionalismo(s), com base nas obras de Erick Hobsbawm, Benedict Anderson, Patrick J. Geary, para somente em seguida fazer uma análise do caso galego. No segundo capítulo, foi feita uma análise da obra *Queixume dos pinhos e outros poemas*, em que foram destacados os aspectos do celtismo, nacionalismo/regionalismo galego, além da importância da obra dentro do movimento do *Rexurdimento* da cultura galega, na segunda metade do século XIX.

**Palavras-chave:** Literatura galega, século XIX, Nacionalismo, Celtismo, Eduardo Pondal.

## Sumário

Capítulo I: Nações e nacionalismo, uma análise de caso: <i>O Rexionalismo galego</i> , do século XIX .....	12
Aproximação ao <i>Rexionalismo galego</i> e seus antecedentes .....	12
Nações e nacionalismo: uma introdução e análise do Nacionalismo Galego e dos fundamentos teóricos de Manuel Murguía .....	17
Capítulo II: Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas: Uma análise .....	41
Eduardo Pondal – o Poeta do <i>Rexurdimento</i> .....	41
“Os Pinhos” de Eduardo Pondal da poesia à Hino Galego .....	44
O mundo pondaliano .....	53
O celtismo e a figura de Breogán na poesia pondaliana .....	57
Considerações finais.....	69
Fontes e Referências bibliográficas.....	74
Fontes.....	74
Referências Bibliográficas .....	74
ANEXOS .....	80
Anexo A .....	81
Anexo B .....	85



## Introdução

O presente trabalho monográfico **Nacionalismo Galego, Celtismo e a poesia oitocentista de Eduardo Pondal (1835-1917)** têm como objetivos principais compreender o movimento do *Rexionalismo galego* e seu apelo nacionalista; e analisar como a obra poética de Pondal se insere neste contexto e de que forma ela contribuiu para o movimento do *Rexurdimento* cultural da Galiza. A pesquisa aqui apresentada é fruto de discussões e da ampliação de duas áreas de pesquisa: Estudos Célticos e História e Literatura, que estão em expansão dentro e fora das universidades brasileiras e estrangeiras, na qual a internet e as redes sociais se fazem importantes para o contato entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, bem como para o compartilhamento de experiências, artigos, textos, livros e outros tipos de fontes, que ampliam os horizontes dos pesquisadores e fomentam debates importantes para os dois campos de pesquisa.

Um aspecto importante a ser ressaltado sobre a pesquisa foi a dificuldade na obtenção das referências bibliográficas, uma vez que muitas destas foram importadas e outras conseguidas na biblioteca da Universidade Federal Fluminense, onde há um núcleo de Estudos Galegos, além de diversos arquivos digitais.

A obra a ser analisada é *Queixumes dos Pinhos e outros poemas*<sup>1</sup>, do médico e poeta galego Eduardo Pondal. Durante a pesquisa foram consultadas três edições diferentes: a de 1886<sup>2</sup> – primeira edição monolíngue -, a de 1995<sup>3</sup> da Editora Galáxia e a de 2011<sup>4</sup> organizada por Ângelo Brea, pela Edições da Galiza, com o apoio da Academia Galega da língua portuguesa. A edição a ser utilizada como referência para as citações será a da Editora Galáxia do ano de 1995 editada por Xavier Senín. O poeta galego Eduardo Pondal (1835-1917), nasceu na Vila de Pontecesso, na província da A

---

<sup>1</sup> A primeira edição do livro é bilíngue em espanhol e galego, intitulada *Rumores de los piños de 1877*, mas em 1886, quando Eduardo Pondal já fazia parte do movimento regionalista, a obra é reeditada apenas em língua galega com acréscimo de novos poemas.

<sup>2</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes d'os pinos*. La Coruña: Latorre y Martínez, 1886. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000093031&page=1>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

<sup>3</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinos E outros Poemas*. Edição SENÍN, Xavier. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995.

<sup>4</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas*. Adaptação BREA, Ângelo. Coleção "Clássicos da Galiza": Volume 2. Barcelona: Edições da Galiza, 2011.

Corunha, na atual comunidade autonômica da Galiza<sup>5</sup>, região noroeste da Espanha. Sua obra foi influenciada pelo movimento rexionalista galego, sobretudo pelo historiador Manuel Murguía<sup>6</sup>, ao qual Pondal usa como sua maior referência para o celtismo presente em sua obra.

Antes de tudo torna-se necessário ressaltar o modo como utilizei dois conceitos chave - literatura e celtismo -. Trabalhos realizados na área da História que tomam a literatura como fonte e/ou objeto de pesquisa possuem várias possibilidades de enfrentamento teórico e metodológico. Partiremos das postulações feitas por Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira na “Apresentação” de *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*<sup>7</sup>; por Peter Gay no “Prólogo - Além do princípio da realidade” de *Represália Selvagem*<sup>8</sup> e de Pierre Bourdieu, especialmente “Introdução” e “*Da Capo. Ilusão e a illusio*” de *As regras da arte – Gênese e estrutura do campo literário*<sup>9</sup>.

A proposta de Chalhoub e Pereira é de “historicizar a obra literária”<sup>10</sup> com a inserção desta no “movimento da sociedade”, compreender quem são seus interlocutores e analisar como foi feita a construção e a representação em relação à realidade social, e que a literatura tem para o historiador valor de testemunho histórico. A obra literária está “situada no processo histórico -, logo apresenta propriedades específicas e precisa ser adequadamente interrogada”<sup>11</sup>. O historiador deverá “destrinchar a especificidade do testemunho”, “interrogar as intenções do sujeito” /autor e “ponderar sobre as características específicas da fonte literária”<sup>12</sup>. Dentro da relação história e literatura, é necessário inserir o autor e sua obra dentro dos processos

---

<sup>5</sup> A grafia escolhida para foi Galiza, mas poderá também aparecer nas citações como Galícia ou Galicia. A escolha da grafia Galiza se deve também ao objetivo de desambiguar com a região histórica situada a oeste da atual Ucrânia e ao sul da Polônia que também leva o nome de Galícia.

<sup>6</sup> Manuel Murguía é um historiador galego do século XIX, que defende a Galiza como um país de origem celta. Um dos percussores desta teoria e do movimento rexionalista. Marido da poetisa Rosália de Castro também um dos grandes nomes da literatura galega e do movimento do rexurdimento.

<sup>7</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>8</sup> GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte –Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>10</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. cit. p. 7.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 8

históricos determinados<sup>13</sup>, portanto, são “acontecimentos datados e historicamente condicionados”<sup>14</sup>. Portanto, neste trabalho monográfico temos isso bem claro, se trata de uma obra de meados do século XIX, produzida na região da Galiza na Espanha, sendo que autor e obra se inserem dentro do movimento do *Rexionalismo* e do *Rexurdimento* cultural e literário da língua galega. Salientamos também que Eduardo Pondal foi, ao lado do historiador Manoel Murguía, os principais pensadores e representantes do movimento.

No “Prólogo - Além do princípio da realidade”, Peter Gay, apesar de trabalhar com romances, traz conjecturas importantes sobre a questão da literatura e sua relação com a história, além do debate entre realidade e ficção. Para Peter Gay, o escritor estará subordinado a traços fornecidos pela realidade na hora em que for escrever seu texto, mas ainda assim, haverá uma “diferença essencial que separa para sempre o mundo da realidade do mundo da arte”<sup>15</sup>. Extrair verdades de ficções, segundo Peter Gay, não é fácil e não existe um modo evidente de como fazê-lo, e a maioria dos historiadores ignoram este fato, e tomam as referências fornecidas pelas obras literárias como informações “culturais e sociais fidedignas”<sup>16</sup>, portanto, é necessária cautela, e apesar destas, a literatura tem muito a dizer ao historiador, pois podem lançar luzes sobre práticas políticas, sociais e culturais, tornando-a um documento instrutivo. Ao recorrer a ficção para “ajudar na busca do conhecimento” deve-se estar “sempre alerta as características do autor, as perspectivas culturais limitadoras” e “aos detalhes fragmentários oferecidos”<sup>17</sup>. Para que seja possível compreender “o que a ficção tem para oferecer ao pesquisador, ele deve aprender o que a fez acontecer”<sup>18</sup>, inserindo a obra no contexto político e cultural na qual foi escrita, bem como a do autor que lhes “deu existência”<sup>19</sup>.

Pierre Bourdieu, na “Introdução” e no capítulo “*Da Capo. Ilusão e a illusio*” da obra *As regras da arte*, nos diz que é necessário compreender a obra literária como um “signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa”<sup>20</sup> e que o princípio da

---

<sup>13</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. cit. p.7

<sup>14</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>15</sup> GAY, Peter. GAY, Peter. Op. cit. p. 6.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit. p. 15

existência da obra de arte surge daquilo que ela tem de histórico. A análise histórica da obra literária, para Bourdieu, é que permite que se compreenda as condições da “compreensão” do objeto simbólico e da ‘apropriação simbólica, real ou fictícia’<sup>21</sup>, deste objeto que faz parte de uma estética.

A escrita literária, neste trabalho, parte da concepção de que a literatura faz parte da construção de identidades coletivas, na expressão de projetos políticos, na projeção de desejos e utopias, na fabulação de narrativas que encarnam visões de mundo e representam determinadas concepções do real, referendando e contribuindo para a manutenção de um dado *status quo*, mas também apresentando projetos alternativos. O objeto de análise deste trabalho parte do pressuposto de que todo documento carrega em suas linhas as intencionalidades de seu autor, concernentes às suas opções políticas e ideológicas.

Sobre o conceito de celtismo, como geralmente ocorre nas ciências humanas, não existe um acordo acerca da definição deste, e quase sempre será definido implicitamente, como a afirmação e reivindicação de uma suposta origem celta de determinado grupo étnico e/ou daquilo que lhe fornece características célticas. Há uma variedade de definições do que é celtismo, mas algumas são mais frequentes: estudo e apreciação da língua, literatura e cultura celtas; influência etimológica dos idiomas célticos em idiomas modernos; conjunto de traços culturais relacionados aos celtas; movimentos culturais e políticos que defendem a permanência de traços culturais ou de uma essência céltica em diferentes comunidades.

Portanto, a definição deste conceito parte do que é exposto por Fernando Pereira González, que entende o celtismo como a definição que inclui diferentes concepções em relação aos celtas, idealizadas ao longo dos séculos, opiniões sobre sua origem, história e civilização, investigações vindas de várias perspectivas: histórica, arqueológica, linguística, literária, etnográfica, antropológica; além da diversidade dos usos coletivos ideológicos e/ou sociais.<sup>22</sup> O celtismo, portanto, se configura por um conjunto heterogêneo de teorias, práticas e representações. Um dos aspectos mais fundamentais e

---

<sup>21</sup> BOURDIEU, Pierre. Op. cit. p. 365.

<sup>22</sup> PEREIRA GONZÁLEZ, Fernando. *Nas orixes do celtismo galego: Os celtas na historiografia dos séculos XVII e XVIII*. 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9281191/Nas\\_Orixes\\_do\\_Celtismo\\_Galego.\\_Os\\_celtas\\_na\\_historiograf%C3%ADa\\_dos\\_s%C3%A9culos\\_XVII\\_e\\_XVIII](https://www.academia.edu/9281191/Nas_Orixes_do_Celtismo_Galego._Os_celtas_na_historiograf%C3%ADa_dos_s%C3%A9culos_XVII_e_XVIII)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015. p. 15-16

relevantes do celtismo é a capacidade de imaginar vínculos entre gentes do passado e do presente,

[..]incluídas todas elas dentro da mesma categoría de celtas. Precisamente nesse principio de continuidade xenealóxica, que é posíbel concibir de maneiras diferentes, está baseada a idea de *celticidade*, é dicir a crenza na ascendencia céltica de certos pobos e culturas. E non fai falla insistir na importancia que tivo e que aínda ten o concepto de celticidade á hora da creación de identidades étnicas colectivas ou de imaxinar afinidades e oposicións con outros grupos humanos.<sup>23</sup>

Pode-se então afirmar que o celtismo constitui um modelo particular inserido dentro de um processo que teve início na Idade Moderna, na qual a invenção do passado e dos usos deste com objetivos identitários e ideológicos.

O trabalho foi dividido em dois capítulos, além das considerações finais. O primeiro capítulo tem como objetivo oferecer um panorama de como um dos ideólogos do movimento do *Rexionalismo Galego*, Manuel Murguía, constrói uma história da Galiza para afirmar a identidade individual desta. Além disso, dentro do seio do Estado Espanhol, apresentar a base teórica murgiana, do *Rexionalismo Galego* de caráter liberal, na qual o autor estudado, Eduardo Pondal, se insere. Com isso, tornou-se importante fazer uma discussão ampla sobre nacionalismo(s), com base nas obras de Erick Hobsbawm, Benedict Anderson, Patrick J. Geary, para somente em seguida fazer uma análise do caso galego. No segundo capítulo, foi feita uma análise da obra *Queixume dos pinhos e outros poemas*, em que foram destacados os aspectos do celtismo, nacionalismo/regionalismo galego, além da importância da obra dentro do movimento do *Rexurdimento* da cultura galega, na segunda metade do século XIX.

---

<sup>23</sup> PEREIRA GONZÁLEZ, Fernando. Op. cit. p. 17

## Capítulo I: Nações e nacionalismo, uma análise de caso: *O Rexionalismo galego*, do século XIX

“A nação nasce de uma invenção, mas só se mantém viva com a adesão coletiva a essa ficção”<sup>24</sup>

### Aproximação ao *Rexionalismo galego* e seus antecedentes

Anterior ao *Rexionalismo* houve o Provincialismo, movimento da década de 80 do século XIX, composto por estudantes e profissionais liberais. Grande parte dos Provincialistas era oriunda da Academia Literária de Santiago de Compostela, com forte ligação com a esquerda liberal, rejeitavam com veemência a reforma administrativa imposta pelo Estado espanhol em 1833. Esta reforma acabava com a unidade denominada Província ou Reino da Galiza e a dividia em quatro províncias<sup>25</sup>. Os Provincialistas combatiam a ideologia centralista e uniformizadora do Estado liberal espanhol dos oitocentos. Entretanto os membros do provincialismo não representavam uma força numérica relevante, no entanto possuíam uma importante rede de comunicação: os jornais, que segundo Bieito Alonso Fernández, chegaram ao número de quinze e entre estes se destacando o *El Povenir*, *El Recreo Compostelano* e o *El Idólatra de Galicia*<sup>26</sup>. O corpo ideológico do provincialismo tinha raiz no Romantismo, com influências do cristianismo social, além de se considerar progressista e democrático. O movimento não concebia a Galiza como nação e nem chegaram a idealizar um modelo de descentralização do Estado, apenas defendiam o estabelecimento da unidade territorial da Galiza.

A manifestação mais simbólica do grupo ocorreu em 2 de abril de 1846, um pronunciamento feito pelo comandante Solís, na cidade de Lugo. Este acontecimento teve um caráter especial, pois, além da participação dos provincialistas, houve uma grande repercussão em Galiza, devido à repressão por parte do Estado, que culminou

<sup>24</sup> Salinas Portugal, 2003, p.27 apud MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *O celtismo no processo identitário galego. A literatura fundacional*. In: LUPI, João (org.) *Druidas, Cavaleiros e Deusas*. Florianópolis: Insulas, 2010, p. 199.

<sup>25</sup> As quatro províncias da Galiza são: A Corunha, Lugo, Ourense e Pontevedra.

<sup>26</sup> FERNÁNDEZ, Bieito Alonso. *Breve Historia do Nacionalismo Galego*. Edicions A Nosa Terra. Vigo: Comercial Gráfica Nós, 1997, p. 10-12.

com o fuzilamento dos líderes do grupo, no qual os principais chefes militares sublevados foram mortos em Carral, uma vila de A Corunha, em 26 de abril daquele ano<sup>27</sup>. Os mártires do Carral passaram a ser referência nos processos posteriores de defesa das liberdades da Galiza, além de permitir um aprofundamento do galeguismo à nova geração provincialista e dos movimentos políticos posteriores- sobretudo do Rexionalismo.

Segundo Fernández<sup>28</sup>, a grande novidade dessa nova geração foi o ressurgimento literário, o qual buscou construir um passado histórico e a definição da Galiza como nação, na qual a aparição da imprensa escrita totalmente em galego teve um papel importante. A recuperação literária do idioma galego foi de fato efetuada em meados do século XIX. Assim sendo, os novos escritores que se identificavam com a ideologia provincialista passaram a se expressar de forma radical em defesa da Galiza, de maneira a consolidar a língua galega como a verdadeira língua da literatura. Fernández aponta que dentro deste grupo se destacava, sobretudo, os poetas Eduardo Pondal e Curros Enríques e a poetisa Rosália de Castro, e que a obra deles, foi de suma importância para a difusão do sentimento nacional.<sup>29</sup>

Um dos líderes de maior destaque do movimento do *Rexionalismo* foi Manuel Murguía, que tinha como enfoque a história ligada ao movimento do romantismo. O autor tentou reconstruir o passado galego sobre novos métodos interpretativos, em busca de uma construção histórica que desse conta da Galiza como nação, como território, herança racial, língua própria e consciência de si mesma<sup>30</sup>. O *Rexionalismo galego* tem seu marco de aparição no ano de 1886, com a publicação da obra *Los Percusores*, de Manuel Murguía, na qual ele definia Galiza como nação e nela o galeguismo como plano ideológico e organizativo<sup>31</sup>, alcançando seu ápice como movimento em 1889. O *Rexionalismo* foi um movimento pluriforme, no qual se destacaram três vertentes principais: o *Rexionalismo liberal*, liderado por Murguía; o *Rexionalismo tradicionalista*, liderado por Alfredo Brañas e o *Rexionalismo federalista*, liderado por Aureliano J. Pereira.

<sup>27</sup> FERNÁNDEZ, Bieito Alonso. Op. cit. p. 12.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 13.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 13 – 14.

<sup>30</sup> Bieito Alonso Fernández salienta que nem todos os galeguistas do Dezenove assumiam claramente a definição de Galiza como nação.

<sup>31</sup> ALONSO FERNÁNDEZ, Bieito. "Idade Contemporânea (século XIX) " APUD. CALO LOURIDO, Francisco, et. al. *História xeral de Galicia*. Vigo: A Nosa Terra. 1997, p. 329.

A vertente liberal, liderada por Murguía, fazia crítica à centralização do Estado e teorizava o feito diferencial galego, seus princípios estavam ligados ao demo liberalismo. Esta vertente demandava um modelo de autogoverno para a Galiza, mas, negava qualquer separatismo ou federalismo como alternativas. Com isso eram tidos como moderados, pois, pleiteavam uma modernização da política e da economia galega dentro do seio do Estado espanhol e integrado à Europa. O *Rexionalismo liberal* tinha como base social a grande e pequena burguesia.

O *Rexionalismo tradicionalista* conduzido por Alfredo Brañas teve como sua maior característica a união entre a descentralização administrativa e o retorno do Antigo Regime. Dirigia-se contra o Estado capitalista e liberal, construindo uma alternativa a partir da recuperação das liberdades locais medievais, com base na monarquia tradicional e das Cortes Históricas. A base social da vertente tradicionalista era, sobretudo, formada pela fidalguia, pequena fidalguia e o clero, que viam nesse modelo a recuperação das antigas liberdades e do poder que tinham durante o Antigo Regime.

Os federalistas, liderados por Aureliano J. Pereira, faziam uma síntese entre os ideais federais e regionalismo, com uma proposta de descentralização que se manifestaria através de um Estado Federal. O movimento chegou inclusive a construir um projeto para a “Constituicion para el futuro do Estado Gallego”<sup>32</sup>. Esta vertente era tida como a parte do movimento regionalista mais radical e democrática do século XIX. Em relação às questões econômicas, os federal-regionalistas propunham uma modernização radical da economia galega, com a eliminação dos traços pré-capitalistas e a entrada da agricultura e da indústria galega no capitalismo dinâmico e progressista. Os federal-regionalista propunham também uma hegemonia da *intelligentsia* regionalista sobre o campesinato, através da difusão no meio rural do regionalismo e a incorporação da classe campesina e da sua causa ao movimento.

Dois aspectos gerais a serem destacados sobre o movimento *rexionalista*: o desenvolvimento ideológico-cultural – sobretudo com os concursos literários, como os *Xogos florais* – e a importância da imprensa regionalista. Durante os primeiros anos de movimento, já contavam com alguns jornais específicos como o *La Región Gallega* –

---

<sup>32</sup> MÁIZ, Ramon. *O Rexionalismo Galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*. Cuadernos da Área de Ciências Xuridicas 1. Publicacións do Seminario de Estudos Galegos. A Coruña: Edicións do Castro, 1984, p. 95.



dirigido por Murguía-, *El Regional* – comandado por Aureliano J. Pereira-, *El Libredon* – que contava com Alfredo Brañas como diretor, além de revistas e outros jornais que davam abertura para falar do movimento como: *A Revista Galicia*, *Galicia Humanística*, *La Pequeña Patria*, *El País Gallego*, *El Eco de Galicia*, *A Monteiro* e *La España Regional*<sup>33</sup>.

O primeiro *Xogos Florais* galego ocorreu na cidade de Tui, na Província de Pontevedra, no ano de 1891. Os *xogos* consistiam em um “certame literário de afirmación” *rexionalista*, na definição de Brañas, constituíam um verdadeiro “compendio y resumen de nuestras aspiraciones”<sup>34</sup>. Os *Xogos Florais* de Tui foi o primeiro encontro no qual os líderes regionalistas se pronunciaram em língua galega, algo que era uma das principais reivindicações do movimento *rexionalista*: a valorização da língua galega. Dois marcos importantes do movimento foram as obras *El Regionalismo - Estudio sociológico, histórico y literario* de Alfredo Brañas, no ano de 1889, e a obra de Manuel Murguía intitulada *El Regionalismo Galego*<sup>35</sup>, do mesmo ano, sendo esta editada e impressa pelo Centro Galego de Havana. A obra de Murguía foi uma resposta ao discurso de Antonio Sánchez Moguel, em sua recepção na Real Academia de História de Madrid, no qual o mesmo depreciou o movimento *rexionalista*.

A partir do ano de 1889, o amadurecimento do movimento *rexionalista* gerou internamente a necessidade da criação de um suporte organizativo que desse ao grupo continuidade, homogeneidade e eficácia ao movimento político-cultural<sup>36</sup>. Foi criada então a Asociación Rexionalista Gallega, que esteve ativa entre os anos de 1890 e 1894. No entanto, devido a divergências e conflitos internos, sobretudo entre a ala liberal e tradicionalista, a associação entrou em crise em dezembro de 1891, Murguía e Brañas romperam, este último parou inclusive de contribuir para o jornal dirigido por Murguía, alegando problemas pessoais. Houve nova tentativa de recuperação de unidade do movimento no ano de 1892, mas quando Murguía foi transferido de Santiago de

---

<sup>33</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 95.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 122.

<sup>35</sup> MURGUÍA, Manuel. *El regionalismo gallego: ligeras observaciones por Manuel Murguía al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia de Madrid, el 8 de diciembre de 1888*. Habana: Imp. y Papelería "La Universal" de Ruiz y Hno, 1889. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000105520&page=1>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

<sup>36</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 106.

Compostela para A Corunha, o movimento acabou por se polarizar entre as duas cidades, na qual Compostela ficou com o pólo tradicionalista, liderado por Brañas, e em A Corunha o pólo liberal liderado por Murguía. No ano de 1891, a Asociación Rexionalista Gallega, presidida por Murguía teve sua atividade política voltada para a candidatura eleitoral ao Concello de Santiago, apesar da forte campanha de agitação e da propaganda, o movimento não logrou êxito, tendo recebido uma única candidatura. Apesar do rompimento da Asociación, entre os anos de 1894 e 1907, foram criadas “As Ligas Rexionalistas”, as quais tinham o objetivo de organizar o movimento, para que fosse possível chamar assembleias em prol da redação de uma *Constitución Rexionalista galega*, porém, este objetivo não se concretizou. Portanto, para a reorganização do movimento foi necessário uma remobilização e a tentativa de criar uma unidade por cima das diferenças, porém, os conflitos internos demonstravam as grandes limitações que atuavam sobre o movimento. O primeiro encontro ocorrido em janeiro de 1894 teve como tema a criação da Academia Galega, que tinha como objetivo colocar em prática a ideia de Aureliano J. Pereira, a necessidade da normatização da gramática e a criação de um dicionário da língua galega, que foi exposta no jornal *El Regional* em 1887<sup>37</sup>.

Os *rexionalistas*, então, com a vontade de criar uma instituição cultural que “bien organizada, habría de ser el origen de otras muchas instituciones patrióticas que deran el País gallego personalidad propia”<sup>38</sup>. A nova instituição teria como objetivo a unificação ortográfica da língua galega, a confecção de um dicionário de gramática de normatização da língua. Entretanto, as tensões entre as duas tendências – liberal e tradicional- e a disputa interna pelo poder, fez com que toda a preparação para a construção da Academia Galega fracassasse.

Sob o fundamento etno-histórico e da crença comum no feito diferencial galego, foi criada na cidade de A Corunha a “Cova Celtica”, lugar onde se reuniam os intelectuais galegos residentes na cidade, para discutir diversos temas relacionados ao movimento do *rexionalismo* como história, literatura, folclore e política, e que, segundo Ramon Maíz, constituiu o núcleo impulsor do movimento<sup>39</sup>. A partir do ano de 1894, a “Cova Celtica” passou a se constituir o núcleo intelectual central do *rexionalismo*, a

---

<sup>37</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 166.

<sup>38</sup> GALO SALINAS. *La Academia Gallega*. Revista Gallega, A Cruña, 25 de febrero do 1900. APUD MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.166.

<sup>39</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.169.

partir desse grupo surgiram os protagonistas intelectuais e políticos e das principais iniciativas do movimento. Foi na “Cova Celtica” que o mito fundador do celtismo foi amplamente divulgado.

Entre os anos de 1895 e 1896 ocorreu uma desmobilização do movimento *rexionalista*, na qual seus principais líderes pessoais, Murguía e Brañas, passaram a tocar projetos pessoais, deixando de lado o movimento. Em 1897 ocorreu uma nova mobilização em prol das atividades do movimento *rexionalista* com a fundação das Ligas Gallegas. O *Rexionalismo* mostrou ter grande fragilidade, uma vez que nem a burguesia, fidalguia ou o clero, tampouco os camponeses e assalariados, demonstraram interesse em fazer parte do movimento.

### **Nações e nacionalismo: uma introdução e análise do Nacionalismo Galego e dos fundamentos teóricos de Manuel Murguía.**

Neste capítulo será feita a discussão sobre nacionalismo(s) e uma análise do caso do Rexionalismo galego, a partir dos apontamentos de Eric Hobsbawm, em *Nações e nacionalismos desde 1780*<sup>40</sup>, Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*<sup>41</sup>, e Patrick J. Geary, em sua obra *O mito das Nações*<sup>42</sup>.

O poeta Eduardo Pondal fez parte do movimento Rexionalista ao lado de Manuel Murguía. Aqui serão expostos os fundamentos teóricos e ideológicos do Rexionalismo liberal e da teoria nacionalista, que reflete na obra do poeta. A noção de nacionalismo aqui se refere à questão de seu principal teórico, Murguía, postular Galiza como nação. Cabe ainda salientar que para ele nação é diferente de Estado, como veremos adiante.

Segundo Ramon Maíz,

A entidade e especificidade de este modo de abordar a Galiza como problema viña dada póla perspectiva liberal e democrática desde a que se plantexaba a reivindicación galeguista. Neste sentido, a diversidade de posicionamento a cerca de temas tais como a

<sup>40</sup> HOBBSAWNM, E.J. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

<sup>41</sup> ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>42</sup> GEARY, Patrick J. O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Contrad Editora do Brasil, 2005.

forma de goberno (lembre-se a militancia monárquica de Golpe, a federal de Matinez Salazar) ou verbo da conceptualización de Galiza como nacionalidade ou rexión, resolve-se nunha articulación liberal dos diferentes plantexamentos, um talante aberto e progresista presente en todos os escritos e intervencións dos membros da <<Liga Gallega na Cruña>> ao abordarem os máis diversos temas: políticos, relixiosos, literarios... Murguía o expresara admirabelmente no seu día: << Si somos hijos de nuestra región, lo somos también de nuestro tiempo>>.<sup>43</sup>

Portanto, a figura de Murguía se destaca dentro da corrente liberal, que segundo Maíz, se sobressai por cima dos demais como autor de uma construção fundamentadora do feito diferencial galego, que superaria as próprias margens do movimento rexionalista ao se projetar uma perspectiva totalmente nacionalitária<sup>44</sup>. O ideário de Murguía difunde uma ligação entre os elementos patriótico e classista que integra a sua ideologia regional<sup>45</sup>. A teorização de Galiza como nacionalidade, é o traço de maior destaque na teoria murguiana, que supera a tradicional ambiguidade e polissemia da designação de Galiza como província, região, nação e país, para se destacar de forma nítida a questão de uma fundamentação da natureza nacionalitária da Galiza. Para Maíz, pela primeira vez

na historia do galeguismo, en efecto, procederá-se á teorización e <<demonstración>> histórica de Galiza como nacionalidade, até o extremo de recoller todos e cada un dos criterios e factores que na tradición política europea puxeron os alicerces dos diferentes nacionalismos [...]<sup>46</sup>

[...] Efectivamente, a atribución de entidade nacional á Galiza despliega no conxunto do *sistema* murguiano decisivos <<efectos pertinentes>> nos máis diversos niveis: desde a radicalidade fundamentadora no establecemento dos límites e diferenza específica do galego frento o alleo, até as propias consecuencias políticas que desa designación se derivan.

Nesta ótica é preciso ubicar este elemento (a <<nación>>), auténtica teima central do pensamento murguiano, no contexto dos restantes factores integrantes da sua ideoloxía cara o clareamento da articulación entre os abstractos valores nacionais e patrióticos dunha banda e os político-sociais por outra. A própria autonomía da fundamentación radical da diferenza comunitaria galega e o posicionamento político-ideolóxico, fornece a posibilidade de moi diferentes, e aínda contrapostas, articulación do discurso fundador, frente, ás diversas forzas sociais e ideoloxías presentes na escena política galega da época.<sup>47</sup>

E necessário ter em mente que, apesar de Maíz atribuir a Murguía o ineditismo da teorização da Galiza como nação, outros pensadores já citados, como Aureliano J. Pereira e Brañas já a teorizavam, no entanto, a teoria murguiana se sobressaiu a dos outros intelectuais galegos do Dezenove, isso se deve ao fato de que ele buscou uma

<sup>43</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.215.

<sup>44</sup> Idem.

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 116

<sup>47</sup> Ibidem, p. 166.

base sólida através de uma perspectiva histórica na qual pudesse fundamentar sua teoria de Galiza como nação, deste modo, Murguía tomou o cuidado de criar uma nova historiografia galega<sup>48</sup> para sustentar seus argumentos. Portanto, partiremos do princípio de que o conceito de nação em Murguía constitui o elemento central do sistema elaborado por este e que sua presença permeia do nível discursivo até o teórico-conceitual, além de que o conceito de nação possui a funcionalidade ordenadora dentro do pensamento murguiano. A atribuição à Galiza de uma natureza nacional permeia o discurso murguiano, no qual cumpre salientar, segundo Máiz<sup>49</sup>, a disposição de uma utilização terminológica que configura um discurso específico que se ergue frente e de forma conflituosa em relação ao discurso centralista dominante.

A construção histórico-teórica da Nação em Murguía apareceu formulada pela primeira vez no “Discurso Preliminar” da sua *História de Galicia*, e em 1898 a conceitualização de Galiza como nação ou nacionalidade, em seus artigos *El Regionalismo*, afirmou-se com vigor ideológico, através de um processo de construção e fundamentação, rompendo com a ambiguidade e indefinição anterior ligada ao provincialismo. A fundamentação teórica e histórica murguiana utilizou o emprego sistemático do termo nação e nacionalidade, através do feito diferencial galego e a sua defesa cara a ideologia centralista do Estado-nação espanhol, algo frequentemente visto nas teorias nacionalista dos oitocentos. Sendo assim,

O emprego do termo nación ou nacionalidade integra así somente a superficie dun moito máis vasto e fondo fenómeno conceptual e teórico que desenvolve nodais efectos ao longo de toda a obra murguiana, penetrada até os máis recónditos extremos pola vontade de construción teórica da nacionalidade galega.<sup>50</sup>

Em seu *Discurso preliminar à História de Galicia*, tomo primeiro, no ano de 1865, Murguía estabeleceu pela primeira vez a natureza nacional de Galiza: “Fué Galicia una de las primeras nacionalidades que lograron constituirse en España”<sup>51</sup>. E mais adiante, em sua obra, utilizando os elementos nacionalitários<sup>52</sup> de história, língua e

---

<sup>48</sup> Manuel Murguía escreveu diversos livros sobre a História da Galiza em que buscava demonstrar a peculiaridade histórica e racial do povo galego.

<sup>49</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 222.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 239.

<sup>51</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia*: tomo primero. 2ª ed. A Coruña: Librería de Eugenio Carré, 1901. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000111283&page=1>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015. Pg. 89

<sup>52</sup> Segundo Abdel-Malek “o fenómeno nacionalitário é aquele no qual a luta contra as potências imperialistas de ocupação tem como objetivo [...] a reconquista do poder decisório em todos os aspectos da vida nacional, prelúdio da reconquista da identidade que está no centro de toda obra de

território: “Situado a una extremidad de Europa, separado de los pueblos hermanos por cadenas de montañas, con idioma propio, este antiguo reino tiene todas las condiciones que se necesitan para formar una completa nacionalidad”<sup>53</sup>. A caracterização de Galiza como nação se amplia e se desenvolve nos volumes posteriores de *Historia de Galicia*, o terceiro volume é dedicado à monarquia sueva, quando Galiza constituía um reino independente, além de ressaltar o caráter germânico da política galega e da origem etno-cultural:

Por el territorio, por la raza que lo poblaba, por las antiguas divisiones conservadas através del período romano – pues sin duda alguna respondían a necesidades anteriores y permanentes – nuestro pueblo era uno y distinto de los que limitaban. Sólo le faltaba una cosa, poerse [...] los suevos le infundieron su sangre y con ella, ya que no la idea, el hecho de la nacionalidad [...] nuestra Galicia sale de sus tinieblas y constituye una nación.<sup>54</sup>

E finalmente no quarto volume de sua *Historia*, reivindica a nacionalidade desconhecida e negada em contraposição ao Estado-nação espanhol, reservando o conceito para as nacionalidades interiores:

[...]La península ibérica no constituye una entidad nacional, y lo que es más grave, se advierte asimismo que entienden se halla desde luego dividida en tres grandes porciones territoriales que informan respectivamente la sangre y la tradición. La mayor, España, que abarca la Lusitania, La Bética y la Cartaginense; la de Afranc, constituida por la Tarraconense; y por último Galicia [...] El fondo de la población, las costumbres propias a cada uno de dichos grupos, los pensamientos que abrigan, les dan fisionomía propia y condiciones de verdadera nacionalidad [...] Hasta tal punto y con tanta fuerza que cada una de las agrupaciones en que aparece entonces dividida la Península, da vida a una civilización y crea una lengua, signo el más característico y declarado de toda nacionalidad legítima.<sup>55</sup>

Além das suas *Historia de Galicia*, Manuel Murguía fala da questão nação/Estado em vários discursos e artigos para jornais, em um artigo para *La España Regional*<sup>56</sup>, faz questão de distinguir a diferença entre Estado e Nação, uma vez que o ensejo dos regionalistas liberais seria um Estado autonômico para Galiza e não de separatismo. Queriam que fosse aceito a diversidade dentro da unidade, como fica claro em seu discurso nos Xogos Florais de Tui:

---

renascimento a partir de aspirações nacionais fundamentais [...]”. ABDEL-Malek, Anouar. *A dialética social: fundamentos para uma teoria social mundializante*. Petrópolis, RJ: Paz e Terra, 1975 APUD ALMEIDA, Lúcio Flávio de. *Ideologia nacional e nacionalismo*. 2.ed., São Paulo: EDUC, 2014. Livro digital

<sup>53</sup> MURGUÍA, Manuel. Op. cit. p. 222.

<sup>54</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia*, Tomo III, La Coruña, 1888, pg. 175-176. APUD MÁIZ, Ramon. *O Rexionalismo Galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*. Pg. 239

<sup>55</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia*, Tomo IV, La Coruña, 1831, pg. 18-19. APUD MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 239-240.

<sup>56</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 241.

As entidades nacionaes que hoxe viven eiquí baixo un mesmo réxime... non tratan de se constituir en Estados independentes - aunque o foron xa - percuran tan soio que os teñan en conta como *Estados nacionaes incompletos*...<sup>57</sup>

E no artigo *El regionalismo para o El Eco de Galicia*, em Buenos Aires, no ano de 1889, afirma:

Galicia tiene territorio perfectamente delimitado, raza, lengua distinta, historia y condiciones especiales creadas gracias a esa misma diversidad, y por lo tanto necesidades que ella solo mide en toda su intensidad, aspiraciones que ella solo sabe a donde llegan. Constituye, pues, una Nación, porque tiene todos los caracteres propios de una nacionalidad.[...]<sup>58</sup>

A configuración e a natureza do nacionalismo murguiano e de seu concepto de nación advém do italiano Pasquale Stanislao Mancini. Em 1889, na réplica a Schez Mogel, o conjunto de artigos intitulado *El Regionalismo Gallego*, Murguía se apropria da definición de Mancini para justificar a concepção de Galiza como nação:

Según Mancini, y es definición que aceptamos, nación es una comunidad natural de hombres que unidos en una vida común por el territorio, el origen, las costumbres y la lengua, tienen conciencia de esa comunidad.<sup>59</sup>

De acordo com Ramon Máiz, Murguía sintetiza em seu pensamento elementos plurais: orgânicos, voluntaristas e liberais a teorização do feito nacional, o pensamento murguiano se apresenta de forma que não é possível reduzir a nenhuma das grandes correntes das teorias nacionalistas, pois, além de Mancini, Murguía se utiliza das teorias de Mazzini, Cavour, Chabod e Renan<sup>60</sup>. Do pensamento germânico, Murguía se utiliza da questão do desenvolvimento da nação com base voluntarista. Formulando a nação como um plebiscito cotidiano, segundo Máiz, é inegável a influência da obra de Giuseppe Mazzini<sup>61</sup> no conceito de nação murguiano, sobretudo em relação à tarefa de fundamentar o feito diferencial galego, no qual coloca as bases do lugar da consciência

<sup>57</sup> Discurso de MANUEL MURGUÍA nos Xogos Florais de Tui, Grial, nº43 Xaneiro-março, 1974, pg.84 APUD MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 241.

<sup>58</sup> MURGUÍA, Manuel. *El regionalismo*. El Eco de Galicia, Buenos Aires, 20 de abril de 1899. APUD MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.241.

<sup>59</sup> MURGUÍA, Manuel. *El Regionalismo Gallego*. Pg. 51

<sup>60</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.245.

<sup>61</sup> "A patria é unha *Misión*, un *Deber Común*. A Patria é a vosa vida colectiva, a vida que anuda unha tradición de tendencias e efectos conformados por todas as xeneracións que xurdiron, traballaron e pasaron sobre do voso chan... A Patria é antes que nada, a *Conciencia* da Patria. Porén, o chan no que se pousan os vosos pasos e os límites que a Natureza sitúa entre a vosa terra e as alleas...non son senón a forma posíbel de Patria: mas se a *alma* da Patria palpita naquel santuario da vosa vida denominado Conciencia, aquela forma remanece semellante a un cadavre sen movemento nen alento de creación, e vos mesmo seredes turba sen nome que non nación; xente que non pobo... Patria é ante todo a Fe na Patria." MAZZINI, Giuseppe. *Ai Giovani D'Italia: Escritti editi ed inediti*, Roma, 1967. Pg. 165-166 APUD MÁIZ, Ramon. *O Rexionalismo Galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*. p. 246.

nacional. A análise dos elementos que constituem a entidade nacional mostra o peso e a configuração que cada elemento possuiu na concepção murguiana, que resulta em esclarecimento sobre a posição e a filosofia nacionalista do sistema proposto por Murguía. Posto isso, pode-se dizer que o conceito de nação de Murguía se centra em torno dos elementos germânicos naturalístico-historicista: raça, história e território, aglutinado ao fator da consciência/vontade nacional dos italianos. Com base nestes aspectos pode-se montar um quadro dos fatores constitutivos da comunidade nacional proposta por Manuel Murguía: A Raça, A História, A língua, A Consciência, O Território e O Carácter<sup>62</sup>, e a partir destes discorrer sobre as questões sobre nação e nacionalismo baseado nas discussões apresentadas nas obras de Eric Hobsbawm, Benedict Anderson, Patrick J. Geary.

Eric Hobsbawm, em sua obra *Nações e nacionalismos desde 1780*, faz um apanhado das teorias nacionalistas. A maior parte da literatura utilizada por ele foi centrada na questão do que é uma nação. Para isto o historiador nos indica a origem dos conceitos de nação e nacionalismo, os quais, segundo o autor, surgem e se concentram principalmente no século XIX e no começo do XX, no âmbito europeu e nas regiões desenvolvidas, e que as literaturas sobre este assunto desse período são leituras liberais com retórica racista. A principal característica deste modo de classificação, segundo Hobsbawm, é o modo como estes rotularam os grupos humanos em nações e de que esta é indispensável, fundamental e básica para a existência social de seus membros e na identificação individual dos mesmos<sup>63</sup>. A Nação e o nacionalismo são frutos de um fenômeno recente e que a noção moderna de nação data do século XVIII e foi produto de conjunções históricas particulares. O maior problema é que não é possível estabelecer critérios objetivos e satisfatórios para identificar e classificar quais grupos humanos podem ser definidos como uma nação. Em muitos casos, segundo Hobsbawm, as nações são consideradas como tal com “base em critérios simples como a língua ou a etnia ou em uma combinação de critérios como a língua, o território comum, a história comum, os traços culturais comuns e outros mais”<sup>64</sup>, essas tentativas de caracterizar objetivamente o que é uma nação/nacionalidade e porque um ou outro grupo se tornou uma nação falharam, uma vez que foram feitos com base nesses critérios que são mutáveis.

---

<sup>62</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.248.

<sup>63</sup> HOBSBAWNM, E.J. Op. cit. p. 14.

<sup>64</sup> Ibidem, p.15.



Já Benedict Anderson, em *Comunidades imaginadas*, segue pelo viés de como as nações e os movimentos nacionalistas criaram os mitos nacionais e a importância do papel da imprensa ligado à questão das línguas nacionais. Além disso, o autor fala da questão do racismo dentro das teorias nacionais, e o papel da História enquanto disciplina para a criação dos mitos e das histórias nacionais. Anderson propõe a seguinte definição de nação:

[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Era a essa imagem que Renan se referia quando escreveu, com seu jeito levemente irônico: [...] “Ora a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas”. Gellner diz algo parecido [...] que o “nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele *inventa* nações onde elas não existem” [...] As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas.<sup>65</sup>

Anderson tenta oferecer aos estudiosos dos fenômenos nacionalistas algumas ideias para uma interpretação da anomalia do nacionalismo. O ponto de partida do autor é que tanto a nacionalidade, quanto o nacionalismo são produtos culturais específicos<sup>66</sup>. Admite-se que os estados nacionais são “novos” e “históricos”, ao passo que as nações ao qual elas dão expressão política sempre emergem de um passado imemorable e marchando para um futuro ilimitado. Sendo assim, o nacionalismo que transforma o acaso em destino, alinhando este não a ideologias políticas conscientemente adotadas, mas a sistemas culturais.<sup>67</sup> Anderson sustenta que a viabilidade de se imaginar a nação só se tornou historicamente possível, quando três concepções culturais fundamentais perderam o domínio sobre a mentalidade do homem: a primeira é a ideia de que uma determinada língua escrita oferece acesso privilegiado à verdade ontológica; a segunda é a crença de que a sociedade se organiza naturalmente em torno e abaixo de centros elevados e a terceira é concepção da temporalidade em que a cosmologia e a história se convergem e as origens do mundo dos homens são basicamente as mesmas<sup>68</sup>.

Patrick J. Geary vai à antiguidade em busca do *Mito das Nações*, no qual demonstra como as construções dos mitos nacionais nem sempre são tão antigos quanto postulam seus autores. Demonstra que os nacionalismos étnicos se construíram em uma

<sup>65</sup>ANDERSON, Benedict R. Op. cit. p. 32-33.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 35-36.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>68</sup> Ibidem, p. 69.

disputa política pelo passado, qual será usado para reivindicações para o presente e o futuro. O autor também mostra como a questão linguística se faz importante dentro da criação dos nacionalismos, uma vez que essa forja proximidade entre os indivíduos. Sobre os elementos formadores do conceito de nação desenvolvidos nos séculos XIX e XX, Geary diz:

[...] eles se basearam em uma tradição de identificação dos povos muito mais antiga, uma tradição já consolidada nos próprios documentos históricos utilizados pelos historiadores e filólogos que tentaram delinear os povos do passado. Sob vários aspectos, a etnografia do século XIX não passou de uma continuação, com ferramentas mais refinadas, da tradição etnográfica da Antiguidade Clássica.<sup>69</sup>

A partir da segunda metade do século XIX os movimentos nacionais entram na torrente do nacionalismo étnico, onde o limite entre racismo e nacionalismo passou a ser imperceptível, no qual servia para diferenciar o povo escolhido – aquele que tinha a missão histórica e um compromisso com o progresso –, do “outro”<sup>70</sup>. Segundo Hobsbawm o apogeu do nacionalismo se deu entre 1918 a 1950, e no período pós a primeira Grande Guerra pela primeira vez o continente europeu se tornou um quebra-cabeças de Estados-nações<sup>71</sup>, mas naturalmente que ainda existiam nacionalidades étnicas e linguísticas sem Estado, como o caso dos catalães<sup>72</sup>, e a partir disso, surgiram movimentos nacionalistas dentro de Estados-nações consolidados, que reivindicavam – e ainda hoje reivindicam – sua independência ou status de comunidade autônoma dentro do grande Estado nacional. A teoria da raça foi absorvida por inúmeros movimentos nacionalistas do século XIX, na qual o conceito de nação não era mais baseado apenas na vontade, mas também com base na natureza, dando uma abertura para a construção de um nacionalismo organicista. A questão da raça no nacionalismo galego se apresenta através do mito céltico e da questão sueva. O aspecto racista adotado por Murguía foi o *arianismo*, no qual a raça ariana desempenhava a função de substrato étnico-cultural comum aos principais povos europeus, os temas básicos do mito do arianismo utilizados na teoria murguiana foram: a lei da permanência dos tipos físicos, a superioridade da raça ariana, a desigualdade da raça<sup>73</sup>, a necessidade de manter a pureza racial e a sua expressão cultural e institucional no sentido de evitar influxos alheios (e, portanto,

<sup>69</sup> GEARY, Patrick J. Op. cit. p. 55.

<sup>70</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit. p. 197.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 158

<sup>73</sup> Murguía acreditava que devido ao fator da origem semítica dos povos de Castela e Leon, estes não poderiam manter seu poder centralizador sobre Galiza, pois se tratavam de povos inferiores, uma vez que os galegos seriam de descendência ariano-céltica.

inferiores) que poderiam implicar na decadência dos povos arianos. O mito celta se torna, portanto, um subtema dentro da questão do arianismo, no qual a herança céltica justificaria o pleno direito à formação de uma nação.

Em sua *História*, Murguía configura o mito fundador da Galiza céltica na qual passa a identificar esta como “Nação de Breogán<sup>74</sup>” e a fundamentação da nação galega à raça ariana-céltica ocupou desde o começo um lugar central. Assim em sua obra *História da Galicia* tomo primeiro, fala da lei da permanência dos tipos e a lei da pureza racial e da superioridade de uma raça sobre outra:

El pueblo (gallego) [...] lleva todavía impreso en el rostro las señales inequívocas de la raza a que pertenece.<sup>75</sup>

Bien es verdad que no hemos sabido conservar nuestra raza al abrigo de toda irrupción y que a cada paso vemos como el colono romano se mezcla y confunde con los hombres de origen céltico.<sup>76</sup>

Predominó la superior de ese cruzamiento [...] las razas superiores que vinieron a sustituirlas [...] piden una extensa población ariana, blanca, superior, para dar fructuosamente los primeros pasos en el camino de la civilización.<sup>77</sup>

Sendo assim, a relevância fundamentada e nacionalista da raça, chega a Murguía como prática histórica aprendida com os mestres da historiografia romântica e não tanto como teoria abstrata do arianismo. Segundo Máiz, as teorias da raça em Murguía, a origem céltica do povo galego não estaria apenas na herança espiritual ou cultural, mas, sobretudo, presente de forma física na antropometria do tipo étnico galego que se sobressaiu a todas as outras influências étnicas presentes na região noroeste da península ibérica, afirmando que “[...] *El celta es nuestro único, nuestro verdadero antepasado.*”<sup>78</sup>

Outro cerne fundamentador ariano da nacionalidade galega, para Murguía, foi a presença dos suevos, em Galiza, “Hemos afirmado que la base de la población gallega es céltica, añadimos después que la civilización es sueva”<sup>79</sup>. Portanto o elemento

---

<sup>74</sup> Breogán ou Breogão é personagem da mitologia céltica, presente nas narrativas do *Livro das Invasões Irlandesas*, que seria de origem céltica e que se assentou nas terras da Galiza na época das imigrações célticas e o descendente deste teria dado origem à última linhagem dos povos que invadiram a Irlanda. No próximo capítulo o assunto será retomado.

<sup>75</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia: tomo primero*. p. 8.

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 452.

<sup>78</sup> MURGUÍA, Manuel. Op.cit. p. 76.

<sup>79</sup> MURGUÍA, Manuel. *El regionalismo gallego: ligeras observaciones por Manuel Murguía al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia de Madrid, el 8 de diciembre de 1888*. p. 39.

céltico-suevo contribuiu para uma perspectiva voluntarista, reforçado pela decisão da nacionalidade. O mito tinha como função fornecer uma identidade nacional vigorosa, vital e superior. A raça situa a base material da nação, além de delimitar o inimigo – o outro -, e, por último, o mito céltico:

promove a impugnación da estrutura centralista do Estado. As diferenzas de orixe e de civilización implican o replantexamento radical das relacións entre as nacións interiores no Estado español, a necesidade, en fin do autogoberno galego. O Estado unitário e centralista é impugnado desde esta perspectiva como a tiranía dunha raza inferior, semítica, sobre uns podos de raza superior e nórdica [...]

O elemento étnico remata deste xeito situándose na base da própria e concreta política rexionalista aportando factores incidentes no próprio proxecto descentralizador do movemento.<sup>80</sup>

Cabe situar que a obra de Manuel Murguía na historiografia galega do século XIX, constitui um “fito sobranceiro” diante dos estudos produzidos em Galiza, uma vez que seus estudos tentam dar conta de uma Galiza como comunidade histórica diferenciada, além de uma maior erudição em relação ao tratamento das fontes diretas e “controle de imaginação”, aponta para um caminho em que utiliza fontes primárias e a documentos, o que era inexistente na historiografia galega anterior representada por Padin e Vicetto. Em suas *Historia(s) de Galiza*, Murguía explicita uma clara fundamentação do feito diferencial galego frente a histórias anteriores<sup>81</sup>.

Sobre a questão da etnicidade, Hobsbawm diz que a abordagem genética é algo sem importância, já que o ponto crucial da abordagem étnica por alguns grupos é, sobretudo, cultural e não biológica. Além disso, as grandes populações dos Estados-nações são, na maioria dos casos, muito heterogênea para poder “reivindicar uma etnicidade comum”<sup>82</sup>. Entre os movimentos nacionalistas modernos, segundo o autor, poucos foram os que realmente “baseados em consciência étnica, embora, assim que se formam, costumam inventar uma, na forma de racismo”<sup>83</sup>. As funções da etnicidade dentro dos discursos nacionais, outro elemento que serve para diferenciar/marcar/reforçar/distinguir o “nós” e “eles/os outros”, aparece sobre três distinções básicas: a primeira funciona tanto verticalmente quanto horizontalmente, e segundo Hobsbawm, serviram para separar estratos sociais – mais do que para separar comunidades inteiras - no qual a discriminação pela cor, por exemplo, define se a

<sup>80</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 279.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 258.

<sup>82</sup> HOBSBAWM, E. J. Op. cit., p. 76.

<sup>83</sup> Ibidem, p. 77.

pessoa é do tipo certo ou errado para esta ou aquela classe social. A segunda, a etnicidade “‘visível’ tende a ser negativa na medida em que é muito mais usada para definir ‘o outro’ do que o próprio grupo”<sup>84</sup>; a terceira função, a da etnicidade negativa, que aparece geralmente em uma população quase homogênea etnicamente e que já possui uma tradição estatal, na qual a lealdade política e etnicidade estão ligadas – como na China, na Coreia e no Japão<sup>85</sup>.

Geary demonstra como alguns grupos partem do princípio de que as identidades políticas e culturais estão unidas, e que a sua existência lhe dá direito a autodeterminação. Reivindicam autonomia política de grupos étnicos específicos, sobre territórios históricos independente de quem “vive nele atualmente”<sup>86</sup>. O autor classifica o nacionalismo étnico como algo impregnado de veneno, que não nos permite compreender o passado de forma clara, uma vez que esse veneno foi impregnado na consciência popular<sup>87</sup>, e demonstra que o termo nacionalismo étnico é historicamente recente, não significando que anteriormente ao século XVIII as pessoas não tinham um sentimento de identidade coletiva e nacionalidade. Geary, compartilhando do conceito de comunidade imaginada<sup>88</sup> de Benedict Anderson, demonstra o papel dos românticos na construção dessas nações imaginadas, e como cada movimento nacionalista passou por um processo específico para a sua construção ideológica. O processo básico para a construção dessas comunidades imaginadas, segundo o autor, passa por três estágios: “[...] Em primeiro lugar, ela inclui o estudo da língua, da cultura e da história de um povo subjugado, empreendido por um pequeno grupo de intelectuais [...] Em segundo, a transmissão das ideias dos acadêmicos [...] Por fim, o estágio no qual o movimento atinge seu apogeu. [...]”<sup>89</sup>. Sendo assim, o próprio nacionalismo pode fabricar as condições próprias e necessárias para o surgimento da nação, através de intelectuais e políticos engajados na causa. O fascínio dos Românticos pela cultura e civilização clássicas também exerceu uma força sobre o modo como estes percebiam as identidades – em muitos casos, “ignorando séculos de identidades sociais muito diferentes”<sup>90</sup>. O

---

<sup>84</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit., p. 78.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>86</sup> GEARY, Patrick J. Op. cit. p. 22-23.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>88</sup> Assim como Anderson, Geary faz questão em deixar claro que comunidade imaginada não é a mesma coisa que comunidade imaginária, e que por mais que seja imaginada, isso não quer dizer que essas nações/comunidades não tenham existido no passado, claro que de uma forma diferente de como se apresentam no mundo moderno.

<sup>89</sup> GEARY, Patrick J. Op. cit. p. 29 – 30.

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 31.

problema da etnicidade, sobretudo em relação aos povos europeus, é apontado por Geary como algo que ainda não foi resolvido, uma vez que os povos da Europa estão sempre em constante formação, e que parte desse problema é responsabilidade dos historiadores, uma vez que muitos construíram histórias contínuas e lineares desses povos<sup>91</sup> e que ajudaram a legitimar mitos históricos de apelo nacional.

Pode-se, por conjectura, dizer que a função da etnicidade dentro do movimento do rexionalismo galego e do pensamento murguiano parte de alguns princípios apontados pelos teóricos acima: a etnicidade mais como apelo cultural do que genético, diferenciar o nós (galegos = célticos/ suevos) dos outros (espanhóis = semíticos)<sup>92</sup>, o princípio de que as identidades políticas e culturais lhe dariam direito a autodeterminação sobre territórios históricos<sup>93</sup> – a ideia de que a Galiza, que anteriormente fez parte do Reino Suevo durante o medievo, ainda possui direito de autodeterminação devido à condição de Reino independente das outras coroas espanholas, mesmo que o território tenha sido modificado devido a ter perdido parte do território entre o Douro e o Minho que atualmente faz parte de Portugal.

A língua, sobretudo a partir do século XIX até a primeira metade do século XX, aparece como o ponto central da cultura nacional e que tem um papel importante na dinâmica da criação e consolidação do povo-nação como sujeito coletivo. As línguas nacionais são para Hobsbawm uma construção, uma vez que antes da alfabetização em massa era impossível haver uma língua nacional, pois o seu uso apenas na fala não a tornava uma “língua materna’, real ou literal”<sup>94</sup>, no entanto isso não seria um empecilho para que houvesse certa identificação popular com a língua, pois esta é própria do corpo das comunidades e que serve para se distinguir do outro<sup>95</sup>, mesmo que a língua para muitos dos movimentos nacionais fosse a “alma da nação” e um dos critérios cruciais da existência de uma nação.<sup>96</sup> A língua não faz parte diretamente do elemento central do protonacionalismo<sup>97</sup>, mas não é irrelevante pelo fato de que: em primeiro lugar ela pode ser elemento de criação de uma comunidade que pode coincidir com a área territorial do Estado-nação; em segundo lugar a língua comum, por ser

---

<sup>91</sup> GEARY, Patrick J. Op. cit., p. 183.

<sup>92</sup> HOBSBAWM, Eric. Op. cit.

<sup>93</sup> GEARY, Patrick J. Op. cit.

<sup>94</sup> HOBSBAWM, E. J. Op. cit. p.65.

<sup>95</sup> Idem.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 110-11.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 72.

construída, pode adquirir um status mais sólido - sobretudo quando há um papel preponderante da imprensa, - devido a sua padronização feita pelas elites culturais e políticas; e em terceiro lugar “a língua cultural oficial dos dominantes e da elite frequentemente transformou-se na língua real dos Estados modernos via educação pública e outros mecanismos administrativos”.

O trabalho de Murguía segue pelo viés de que língua distinta significa também uma nacionalidade distinta. Murguía exige um estatuto de língua ao galego, superando a consideração deste como mero dialeto. Em sua obra, a língua aparece como autêntico sinal de identidade coletiva de uma nacionalidade: “Mientras un pueblo habla su lengua, puede decirse que tiene todavía vida propia, que forma una agrupación unida por todos los vínculos sociales [...]”<sup>98</sup> e que o “[...]idioma, principal elemento de las nacionalidades que se forman y subsisten”<sup>99</sup> e que a língua é o signo mais característico e declarado de toda nacionalidade legítima. Em *El Regionalismo*, Murguía expressa a língua como algo irrenunciável para a legitimação de Galiza como nação “Lengua distinta se ha dicho siempre, distinta nacionalidad. Sintiéndose así Galicia se tuvo siempre por Nación de hecho”<sup>100</sup>. Apesar da militância em prol da língua galega, raros os escritos de Murguía foram em galego. Sendo assim, a funcionalidade nacionalitória da língua passa a uma dimensão de gênese do passado da cultura galega, a questão linguística vai ao encontro da necessidade de criar uma literatura totalmente escrita em galego como forma de legitimar a questão nacional. Murguía em sua obra *Los Precursores*<sup>101</sup> situa seu “labor no cerne do rexurdimento non somente literário senón propriamente nacional de Galiza”<sup>102</sup>, e em *Historia de Galicia* afirma que “[...]y si es verdad que la más pronta posesión de un idioma capaz de servir a las necesidades de una literatura reciente, es prueba de una mayor suma civilización. Galicia puede reclamar esta gloria.”<sup>103</sup>. Murguía postula a língua galega como fator nacionalitório, pois, esta é uma língua própria alheia a língua castelã e não um mero dialeto dentro do Estado Espanhol.

---

<sup>98</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia: tomo primero*. p. 342.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 311-312

<sup>100</sup> MURGUÍA, Manuel. *El regionalismo gallego: ligeras observaciones...* p. 47.

<sup>101</sup> MÁIZ, Ramon. *Op. cit.* p. 282.

<sup>102</sup> *Idem*.

<sup>103</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia: tomo primeiro*. p. 156.

O surgimento da ideia da língua como propriedade privada de uma nação influenciou a Europa oitocentista e a teorização do nacionalismo<sup>104</sup>. Os intelectuais – sobretudo os filólogos- tiveram um papel fundamental para a formação do nacionalismo europeu com a criação de seus dicionários monolíngues que eram o tesouro de cada língua. Já os dicionários bilíngues colocavam em pé de igualdade todas as línguas<sup>105</sup>. O aumento da alfabetização impulsionou a capacidade de se conseguir o apoio popular, o que foi muito benéfico para a burguesia e seus propósitos.

No decorrer do século XIX, a revolução filológica-lexicográfica e o surgimento de movimentos nacionalistas na Europa, criaram inúmeras dificuldades culturais e políticas para muitas dinastias dominantes que não tinham nacionalidade<sup>106</sup>. Porém, existia a convicção de que as línguas eram propriedades pessoais de grupos específicos e que estes se imaginavam como comunidades, tinham o direito de ocupar uma posição autônoma dentro de uma confraria de iguais<sup>107</sup>. A partir do século XIX dentro da Europa desenvolveram-se “nacionalismos oficiais”, estes seriam inviáveis e historicamente “impossíveis” antes do surgimento de nacionalismos linguísticos populares, pois, foram reações dos grupos de poder, sobretudo dinásticos e aristocráticos que se sentiram ameaçados de exclusão ou marginalização nas comunidades imaginadas populares.<sup>108</sup>

Anderson, ao discorrer sobre patriotismo e racismos, toca na questão da língua como função de identificação entre iguais. O caráter primordial da língua, mesmo as modernas, surge imperceptivelmente de um passado sem horizonte, assim, as línguas se mostram mais enraizadas do que praticamente qualquer outra coisa e é ao mesmo tempo, o que nos liga afetivamente aos mortos. Anderson nos diz da existência de um tipo específico de comunidade contemporânea que apenas a língua é capaz de sugerir: a exemplo dos hinos nacionais, quando executado em público, envolve uma experiência de simultaneidade, neste momento, pessoas totalmente desconhecidas entre si pronunciam os mesmo versos, seguindo a mesma música, dando a ilusão de uma unidade homogênea e coesa.<sup>109</sup>

---

<sup>104</sup> MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia: tomo primeiro.*, p. 108

<sup>105</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit. p.112.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 127.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 131.

<sup>108</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 203.



A relação entre a questão filológica e nacionalismo permeia toda a obra de Geary. Para o autor, a filologia foi uma ferramenta importante dentro dos nacionalismos, uma vez que muitos grupos insistiam na ideia de que “apenas uma língua nativa poderia fazer com que um povo se relacionasse propriamente com o mundo”<sup>110</sup>. Segundo o autor, o método filológico foi prejudicial para a forma como se identificava um povo pela língua, fazendo com que surgisse uma variação muito grande de grupos que foram fragmentados devido às regras científicas, que tornaram línguas de um mesmo ramo linguístico em línguas distintas. Em geral, a língua nacional somente atingiu este status devido à imposição por parte dos Estados, através do sistema educacional. As instituições educacionais passaram a ser instrumentos dos Estados-nações, no qual este impunha a ideologia nacionalista de forma sutil através da disseminação da língua nacional, e esta passa a ser então o veículo do ensino da história nacional, além de propiciar a criação de uma “história ‘científica’ nacional que projetava tanto a língua como a ideologia da nação em um passado remoto”<sup>111</sup>. As alegações com base na língua a respeito da etnicidade cultural seguem pela linha de que as línguas são símbolos e realidades de suas identidades, mesmo antes de terem consciência disso.<sup>112</sup>

Portanto, para Geary, a filologia estabeleceu cientificamente os elementos essenciais para a constituição de uma nação: língua, território, passado histórico-cultural distinto e remoto. Partindo destes elementos, movimentos nacionalistas forjaram e projetaram um passado mítico para que fossem legitimadas as identidades dessas comunidades.<sup>113</sup>

A questão da consciência nacional, que permeia toda a obra de Murguía, faz uso da ideia de que a Galiza, desde os tempos mais remotos, tem consciência de si mesma, pois sempre fez parte de um povo diferente e de uma comunidade distinta dentro do contexto da Espanha. No primeiro tomo de sua *Historia de Galicia*, a ideia é incorporada de tal forma em que a nação – Galiza – se personaliza em um sujeito histórico atuante. No tomo terceiro de *Historia de Galicia*, expressa a ideia de nacionalidade preexistente, desde os tempos romanos, passando pelos suevos e que é

---

<sup>110</sup> GEARY, Patrick J. Op. cit. p. 44.

<sup>111</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>112</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 179.

hora de um despertar da consciência nacional latente, mas jamais esquecida<sup>114</sup>. Esta consciência nacional, espírito ou sentimento do povo galego, segundo Máiz, “Coñecedor da sua diferenza, integra sen dúbida o cerne da mobilización de Galiza polo mantimento ou recuperación, segundo os casos, da sua independéncia perdida, facho que alumea o vieiro do suxeito-nación polos avatares da História”<sup>115</sup>.

A questão do território se faz importante dentro do pleito de um governo autônomo para Galiza, pois o território corresponde à antiga província romana da Gallaecia, depois viveu sob o título de Reino, durante o reinado suevo, e se manteve como Reino até a restauração Bourbonica e desde então se manteve como província. Durante a época sueva, Galiza chegou a constituir um Estado independente, fato que é utilizado como justificativa para constituir um novo Estado autonômico dentro do Estado Espanhol. Cabe salientar que a proposta murguiana de um estado autonômico não sugere uma separação de Galiza do seio do Estado Espanhol:

Harto sabe que los que tratan de dar vida á las que hemos apellidado nacionalidades desconocidas y negadas, no quieren en manera alguna romper la unidade del actual Estado español. Sabe también que los que deseamos que los antiguos organismos provinciales ejerzan las funciones propias, no vamos tan allá que pidamos que cada región se haga independiente, y que constituya de por sí un Estado, puramente nacional. Muchos años hace que en nuestra Historia de Galicia - puesta hoy en el índice de los partidarios de la centralización - hemos dicho que queríamos la diversidad dentro de la unidad. A lo que parece, ni esto basta [...] que en nome del Estado todopoderoso reneguemos de la nación á que pertenecemos, y que en aras del poder central sacrifiquen las provincias cuanto queda todavía en ellas de sagrado, esto es, su idioma, sus sentimientos naturales, su pasado, su mismo porvenir, puesto en peligro de muerte por los egoísmos centralistas.<sup>116</sup>

Sobre o carácter nacional pode-se dizer que é um dos elementos que confere a uma dada comunidade um carisma nacionalitário. Segundo Máiz, Murguía situa o carácter galego entre os elementos indutores da entidade nacional de Galiza, o qual

[...] acha-se integrado unhas veces polas peculiaridades psicolóxicas atribuídas ao pobo galego: a bravura, a ternura, o sentimento relixioso, o amor á terra, unha certa dozura varil, etc.etc...; outras, encarna nas máis diversas manifestacións da cultura popular galegas: mitos, lendas, usos, costumes, etc [...]

[...] O carácter nacional constitui claramente unha única *proxección* directa da raza céltica, a sua expresión inmediata...<sup>117</sup>

O carácter nacional galego estaria diretamente vinculado com a origem céltica do povo galego, e esta origem, por mais que esteja em um passado distante, teria sido capaz

<sup>114</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p.249.

<sup>115</sup> Idem.

<sup>116</sup> MURGUÍA, Manuel. *El regionalismo gallego: ligeras observaciones...* p. 4.

<sup>117</sup> MÁIZ, Ramon. Op. cit. p. 278.

de sobreviver e se projetar no modo de ser galego do século XIX, o qual, segundo Murguía, se diferencia dos demais povos que fazem parte do Estado espanhol, e por esse motivo, a Galiza teria o direito natural de se autogovernar.

Para Hobsbawm, os vínculos coletivos que servem para mobilizar grupos e movimentos nacionais, e que o sentimento “protonacional” pode ser classificado em dois tipos: “os supralocais de identificação popular que vão além daquelas que circunscrevem os espaços reais onde as pessoas passaram a maior parte de suas vidas”<sup>118</sup> e o segundo ligado a grupos políticos seletos que são diretamente ligados ao Estado e instituições que criam laços e vocabulários políticos, esse segundo tipo, de acordo com o autor, seria o que tem mais aspectos em comum com a nação moderna, mas que, no entanto, nenhum deles pode ser identificado com o nacionalismo moderno<sup>119</sup>. O autor ainda discute sobre o papel e a função das línguas nacionais para o protonacionalismo e para a construção da (futura) nação. O protonacionalismo foi critério decisivo dentro dos futuros movimentos nacionais, quando ele criou a ideia ou a consciência de pertencer ou ter pertencido a uma entidade política durável, que dará a ideia de “nação histórica”<sup>120</sup>, porém não é possível creditar apenas ao protonacionalismo como critério para a formação dos movimentos nacionalistas.

Sobre a questão das origens da consciência nacional, Anderson irá atribuir à imprensa um papel determinante para a criação de ideias inteiramente novas sobre a simultaneidade, na qual a nação se tornou tão popular dentro deste tipo de comunidade principalmente graças ao capitalismo editorial.<sup>121</sup> Em resumo, a convergência do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a diversidade da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, a qual, em sua morfologia básica, montou o cenário para a nação moderna, uma vez que as línguas passaram a obedecer as normas e regras, impostas pela elite cultural e política.<sup>122</sup> A base da consciência nacional seria deste modo a junção da questão da língua, território e etnicidade, cada elemento se apresentado em maior ou menor grau dentro das perspectivas nacionais, no caso galego, sobretudo dentro do movimento do rexionalismo liberal a língua se apresenta com maior clareza, uma vez que dentro do movimento do Rexionalismo o Rexurdimento da literatura em língua galega se

---

<sup>118</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit. p. 58.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 86.

<sup>121</sup> ANDERSON, Benedict R. Op. cit. p. 71-73.

<sup>122</sup> Ibidem, p. 83.

apresenta com maior destaque, aliado a questão da etnicidade, a questão do mito celta na literatura se fará presente, sobretudo na obra de Eduardo Pondal.

A alternativa apontada por Hobsbawm para substituição da definição objetiva de nação seria uma definição subjetiva, seja ela coletiva – “uma nação é um plebiscito diário”<sup>123</sup> - ou individual, segundo o autor à moda austro-marxista, em que se considera a nacionalidade como passível de ser aderida, onde as pessoas vivem ou com quem vivem, sobretudo se estas decidem exigí-la<sup>124</sup>. Ambas as alternativas evidentes de escapar da compulsão pelo objetivismo *a priori*, supõe uma adaptação de forma diferente aos casos em que definição de nação e territórios nos quais coexistam pessoas com diferentes línguas e outras características relacionadas aos critérios objetivos citados acima. Ainda sim, essas duas definições estariam sujeitas a objeções de que definir uma nação pela consciência que seus membros possuem de a ela pertencer, forneceria, segundo Hobsbawm, apenas um guia *a posteriori*, sobre o que é uma nação.<sup>125</sup> Em relação ao conceito da consciência nacional ou na escolha de uma nação/nacionalidade como critério de existência de uma destas é, de acordo com o autor, um erro, uma vez que os homens estão em constante mudança – definição/redefinição – no qual essa opção se torna frágil. É necessário ter em mente que nação e Estado não necessariamente significam a mesma coisa, assim como nação não pode ser reduzida ao fator Estado, a nacionalidade não pode ser definida por uma “definição única”<sup>126</sup>.

Para Hobsbawm, tanto as definições objetivas quanto as subjetivas “não são satisfatórias e são enganosas”<sup>127</sup>, levando isso em conta ele não dá uma definição *a priori* do que constitui uma nação, e a partir disso levanta a seguinte hipótese: “trataremos como nação qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação”<sup>128</sup>. Portanto, ao lidar com a questão nacional é necessário compreender o conceito de nação/nacionalismo antes de partir para a sua representação real, devido ao fato de que a nação só pode ser observada a partir dos discursos nacionalistas, mas somente *a posteriori* é que esta pode ser observada como realidade. É necessário ainda, para o autor, que os estudiosos sobre as

---

<sup>123</sup> HOBBSAWM, Eric. Op. cit., p.17.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> Idem.

<sup>126</sup> Ibidem, p. 18

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit., p.19.

causas nacionalistas observem as mudanças do conceito a partir do final do século XIX, pois conceitos fazem parte do discurso histórico e social e são “localmente enraizados”<sup>129</sup>, portanto, devem ser explicados a partir da realidade estudada.

Ao não apresentar um conceito fechado de nação, ele direciona a sua construção sobre cinco pontos: primeiro, o termo nacionalismo usado por Hobsbawm é proposto por Gellner, que nacionalismo seria o princípio que sustenta uma unidade política e nacional congruente.<sup>130</sup> Segundo, nação não é para o autor uma entidade natural e imutável, a “nação” pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente<sup>131</sup> e que ela é uma entidade que só faz sentido de ser estudada, quando está relacionada com o “Estado-nação”<sup>132</sup>. Terceiro, a “questão nacional” está situada entre a política, tecnologia e transformação social<sup>133</sup>, a nação existe apenas em função do Estado territorial ou a grupos com tal aspiração, mas também em relação ao desenvolvimento econômico e tecnológico. Dentro das questões nacionais a língua e sua padronização e aceitação só aparece com a imprensa e com a escolarização em massa, portanto, as nações devem ser analisadas em suas dimensões políticas, econômicas, técnicas, administrativas e outros<sup>134</sup>.

As nações são fenômenos duais, uma vez que, apesar de serem criadas de cima para baixo, para serem mais bem compreendidas é necessário analisá-las de baixo – isto é- “[...] a nação vista não por governos, porta-vozes ou ativistas de movimentos nacionalistas, mas sim pelas pessoas comuns que são o objeto de sua ação [...]”<sup>135</sup>. Sobre ideologia e identidades nacionais, Hobsbawm faz os seguintes apontamentos: as ideologias oficiais e movimentos nacionais não são obrigatoriamente algo a ser seguido por cidadãos e militante, a identificação nacional não pode ser presumida, uma vez que a formação da identidade passa por estágios de inclusão/exclusão pelo ser social<sup>136</sup>, e a identificação nacional passa por outras identidades – raça, cor, classe, grupos, etc. – além de ser algo que varia em um espaço temporal muito pequeno. E por último aponta a falta de estudos em relação às grandes nações estabelecidas como Grã-Bretanha e França, mas que há um número crescente de estudos em relação a grupos que tem

---

<sup>129</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit. p.19.

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> Idem.

<sup>134</sup> Ibidem, p.20 – 21.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>136</sup> Idem.

pretensões nacionalistas com a intenção de se tornarem estados independentes. Defende que a consciência nacional se desenvolve de maneira desigual entre grupos e regiões sociais de um país<sup>137</sup>.

Hobsbawm nos diz que entre os séculos XVI e XVII o conceito de nação não estava atrelado ao conceito de Estado, pois, não tinha uma definição política, este conceito estava associado muito mais a pequenos grupos que precisavam se distinguir dos outros com os quais convivia, como podemos observar no caso galego. Sendo assim a nação era ligada a questões culturais, linguísticas e etc. Segundo o autor,

“O governo, não foi, portanto, ligado ao conceito de *nación* até 1884. [...] Para o dicionário espanhol de 1726 (primeira edição), a palavra *pátria* ou, no uso mais popular, *tierra*, ‘a pátria’, significava apenas o lugar, o município ou a terra onde se nascia’, ou ‘qualquer região, província ou distrito de qualquer domínio senhorial ou Estado. [...] Até 1884, a *tierra* não era vinculada a um Estado.”<sup>138</sup>

Portanto, o conceito de nação em seu significado moderno é historicamente recente. Cabe notar a diferenciação que Hobsbawm faz da nação revolucionária - que é caracterizada por um povo-nação que colocava os interesses comuns acima dos particulares, independentemente de língua, raça e etnia – e do sentido de nação que aparece no discurso liberal – que permite um povo heterogêneo, mas, no entanto já deve apresentar uma associação histórica com um Estado existente ou recente com uma durabilidade razoável<sup>139</sup>; a existência de uma elite cultural e como vernáculo administrativo e literário longamente estabelecido; a capacidade para a conquista, além da capacidade de ser economicamente próspera que a permitisse ser uma nação viável.

As nações modernas, segundo Anderson, têm a necessidade de gerar narrativas de identidade, para que os indivíduos que a ela pertencem se vejam refletidos e inseridos naquela narrativa, como se pode observar, Murguía em suas *História(s) de Galiza* na quais ele se empenha em criar uma narrativa convincente na qual Galiza aparece como uma nação inata e autêntica. As nações, segundo Anderson, não possuem data de nascimento claramente identificada, e sua morte (quando acontece) nunca é natural. A construção dessas comunidades imaginadas percorre uma narrativa na qual a biografia das nações é moldada nos “recuos no tempo” do presente para o passado.<sup>140</sup>

Hobsbawm nos diz que a partir da formação do Estado moderno, apareceram dois problemas principais: o primeiro em relação às questões técnico-administrativas

<sup>137</sup> HOBBSAWM, Eric. Op. cit., p. 19-21.

<sup>138</sup> Ibidem, p. 24-25.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>140</sup> ANDERSON, Benedict R. Op. cit. p. 279.

sobre o novo modo de governar este Estado-nação, uma vez que a construção da máquina administrativa levanta algumas questões em relação à(s) língua(s) utilizada(s) para a comunicação dentro do Estado, o que leva a necessidade de uma educação universal para que haja uma padronização da língua e do apagamento das diferenças para que possa ser possível uma identificação maior entre sujeito e Estado<sup>141</sup>. O segundo problema está relacionado ao que se refere à identificação e a lealdade dos cidadãos com o sistema dirigente do Estado, uma vez que os interesses estatais deveriam estar alinhados com a do cidadão, o que tornou um pouco mais complexa o modo como a classe dirigente passou a tomar decisões que representam seu Estado-nação.<sup>142</sup> O aparecimento do patriotismo vem como um elemento para reforçar a ligação entre cidadão e Estado, o patriotismo estatal passou a ser um instrumento importante para as elites governamentais, pois através dele foi possível criar e reforçar mitos, símbolos e sentimentos que foram e são capazes de mobilizar a população em prol do bem maior do Estado-nação<sup>143</sup>. Com base nestes apontamentos, pode-se classificar o Rexionalismo galego como movimento pré-nacionalista, pois, não postula a criação de um Estado independente. Uma vez que o movimento criou mitos nacionais, buscaram criar ou despertar uma identidade nacional e uma consciência nacional pré-existente, mas, que, no entanto não almejavam se separar do Estado espanhol.

Com base nas categorias criadas por Hobsbawm, sobre as tradições, podemos incluir o movimento do Rexionalismo e do Rexurdimento em duas delas: “a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais”<sup>144</sup>, e “c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistema de valores e padrões de comportamento”<sup>145</sup>, uma vez que o movimento encabeçado por Murguía, pretendia criar, ou melhor reavivar a consciência nacional presente na mentalidade galega, mas que havia adormecido devido a força centralizadora do Estado espanhol.

Benedict Anderson, ao falar de comunidades imaginadas (não imaginárias) e de como são feitas essas construções e como a imprensa foi importante no desenvolvimento destas construções, sendo assim, a construção de uma identidade e da

---

<sup>141</sup> HOBBSAWM, E. J. Op. cit. p. 93-96.

<sup>142</sup> Ibidem, p. 97-98.

<sup>143</sup> Ibidem, p. 100- 107.

<sup>144</sup> HOBBSAWNM, E.J. e RANGER, Terence (org.). *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 17.

<sup>145</sup> Idem.

sociedade galega passa pela imprensa regionalista que foi importante enquanto elemento de mobilização do movimento rexionalista e divulgadora da causa. Além disso, a edição de novas obras literárias em língua galega elevou esta à condição de língua literária. Porém, como salienta Eric Van Young<sup>146</sup>, apesar de Benedict Anderson, associar como essencial o capitalismo editorial para as moldagens nacionalistas, é necessário propor as seguintes questões: “quem estava lendo jornais e/ou livros? Qual era o alcance social e espacial dessa informação [...]?”<sup>147</sup>. Essas questões apontadas por Van Youg nos permitem a crítica ao modo como os nacionalistas galegos davam importância aos jornais de língua galega com essa temática para a divulgação do movimento, pois segundo nos conta Maiz, parte da população da região – sobretudo na zona rural - da Galiza ou era analfabeta ou era apenas alfabetizada em língua espanhola, uma vez que esta era a língua oficial do Estado, portanto os jornais e as obras literárias eram acessadas apenas pela elite intelectual galega e uma pequena parte da burguesia..

O movimento Rexionalista, mesmo sem um projeto concreto de autonomia, solicitava um governo autônomo para Galiza, pois, de acordo com Murguía e outros teóricos do movimento, Galiza era um território histórico que anteriormente – durante a antiguidade e o medievo – teve um status de Reino e Estado independente. Geary faz refletir sobre as construções dos mitos das nações em que o que parece antigo é uma formulação contemporânea, e que

[...] reivindicam-se a autonomia política de um grupo étnico específico e, ao mesmo tempo, o direito do povo governar seu território histórico, geralmente definido de acordo com as ocupações ou reinos medievais, independente de quem vive nele.<sup>148</sup>

O discurso dos rexionalistas foi impregnado da ideia de uma homogeneidade cultural e étnica, que se sabe, impossível em um território no qual se tem comunidades étnicas e culturais vivendo entre limites – territoriais – próximos e fluídos, fazer uma completa distinção entre o “nós” – os galegos – e “os outros” – todas as outras comunidades e povos do Estado espanhol. O nacionalismo ou o ideal de nação a qual

---

<sup>146</sup> VAN YOUNG, Eric. Revolução e comunidade imaginadas no México, 1810-1821. In: PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. *Nacionalismos no novo mundo: A Formação de Estados-Nação no Século XX*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2008, p. 279-281.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 280.

<sup>148</sup>GEARY, Patrick J. Op. cit., p. 22.



busca Murguía e os rexionalistas pode ser definida de acordo com o que propõe José Reginaldo Santos Gonçalves<sup>149</sup>:

[...] objeto de desejo, a nação é paradoxalmente experimentada por meio de sua ausência. No entanto, essa distância ou ausência nada mais é que o efeito do desvio diferencial entre coerência e incoerência, desejo e objeto de desejo, ambos existindo como parte integrante dos discursos nacionais. [...] na medida em que a nação é objetificada na forma de uma identidade distante, integrada, unificada, idêntica a si mesma, presente, ainda que ausente, próxima ainda que distante. Há nesses discursos um processo ilusório, que consiste na tentativa de superar ou transcender essa distância ou ausência por meios narrativos. Sendo esta uma tarefa interminável, as narrativas nacionais estão sempre sendo contada e recontadas, assim como ocorre com os mitos. Nesse processo, aquela distância ou ausência, a distância entre linguagem e experiência, entre símbolo e o que é simbolizado, significante e significado, desejo e objeto de desejo, é permanentemente recriada, embora sob o impulso mágico de transcendê-la.<sup>150</sup>

O Rexionalismo Galego, dessa forma, pode ser caracterizado pelo seu discurso do despertar da consciência nacional, de certo círculo da sociedade, no entanto cabe salientar que, apesar do mito criado em torno desse despertar, apenas pequena parte do povo galego fez parte efetivamente deste movimento, no qual se destaca a elite cultural galega e uma pequena parte da burguesia. Sendo que o movimento político do rexionalismo não alcançou o seu objetivo, criou-se a ideia de que no campo da literatura houve uma real aproximação e uma identificação intelectual/povo, porém, como dito anteriormente, apenas uma pequena parcela da população galega efetivamente liam em galego. O Rexurdimento literário teve uma maior projeção e uma maior força somente com os movimentos posteriores a década de 1920, quando a língua galega passa a ser considerada uma língua nacional e começa a ser ensinada pelas instituições educacionais na Galiza<sup>151</sup>.

A partir do arcabouço teórico apresentado podemos constatar que o movimento do Rexionalismo, do Rexurdimento literário e a ideia de nação murguiana, que estavam intrinsecamente ligados, fizeram parte de um movimento maior dentro do século XIX, no qual as teorias nacionalistas pipocavam por toda Europa – e também na América -. O próprio Estado Espanhol, durante o século XIX e o começo do século XX, viu inúmeros movimentos nacionalistas surgirem dentro do seu seio, além do caso galego, temos os movimentos independentistas da Catalunha – ainda em voga – e do País Basco. Pode-se então conjecturar que língua, etnia e território histórico, apesar de constituírem

<sup>149</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Capítulo Um: Patrimônio cultural e narrativas nacionais. 2ª edição. Editora UFRJ/MinC - Iphan: Rio de Janeiro, 2002, p. 19.

<sup>150</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Op. cit. 21-22.

<sup>151</sup> É necessário ter em mente que o ensino continuava sendo majoritariamente em língua espanhola.

elementos de nacionalidades distintas dentro de um Estado nacional, é pouco provável que consiga de fato fazer com que uma nacionalidade vire um nação com Estado próprio. O rexionalismo galego liberal encabeçado por Murguía, apesar de não ter sido um movimento separatista, mas sim um movimento em prol de constituir a Galiza uma comunidade autonômica, não logrou êxito. Galiza conseguiu seu estatuto de comunidade autonômica somente em abril de 1981, é reconhecidamente uma nacionalidade histórica dentro do Estado espanhol, em que a língua galega é reconhecidamente considerada oficial.

## Capítulo II: Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas: Uma análise

“Galegos, sede fortes,  
prontos a grandes feitos;  
aparellade os peitos  
a glorioso afán;  
fillos dos nobres celtas,  
fortes e peregrinos,  
luitade plos destinos  
dos eidos de Breogán”<sup>152</sup>.

A obra *Queixumes dos Pinhos* teve sua publicação unilíngue em galego no ano de 1886, porém no ano de 1877, houve uma publicação bilíngüe espanhol/galego. Eduardo Maria Gonzáles Pondal Abente<sup>153</sup>, nasceu em Pontecesso na província de A Corunha, em 6 de abril de 1835 e morreu em 8 de março de 1917 na cidade de A Corunha – Galiza, pertenceu a uma família fidalga da pequena nobreza rural galega. Pondal mudou-se para Santiago de Compostela, em 1848, para concluir seus estudos liceais, etapa na qual estudou literatura latina e a língua grega, em 1854 inicia seu curso de Bacharel em Medicina, concluindo esta etapa em 1859. Trabalhou como médico da Armada<sup>154</sup>, mas não gostou da vida militar<sup>155</sup>. Após 1870, se estabelece em Santiago e A Corunha, em 1877 escreve *Rumores de los Pinhos*, a qual reedita como dito anteriormente, no ano de 1886 em língua galega, e a partir disso não utilizou mais a língua castelhana nas suas obras<sup>156</sup>, autor também da obra *Os Eoas*, influenciada pela escrita de Camões, obra que somente foi editada e publicada postumamente.

### Eduardo Pondal – o Poeta do *Rexurdimento*

O poeta galego Eduardo Pondal foi um dos precursores da poesia oitocentista em língua galega, ao lado de Rosalía de Castro<sup>157</sup> – esposa de Manuel Murguía – e de Manuel Curros Enríquez.

<sup>152</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinhos E outros Poemas*. Edição SENÍN, Xavier. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995. p. 126.

<sup>153</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas*. Adaptação BREA, Ângelo. Coleção "Clássicos da Galiza": Volume 2. Barcelona: Edições da Galiza, 2011. p. 13 -22.

<sup>154</sup> VALDÉS, Manuel. *Testimonios de una amistad entrañable. Tres cartas, inéditas, de Pondal a Murguía*. *Boletín*.nº 321-326 tomo 28 1957 p 173 – 178. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2504&d-447263-p=1>. Acessado em: 26/02/2017.

<sup>155</sup> Idem.

<sup>156</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas*. Adaptação BREA, Ângelo. p.29

<sup>157</sup> Rosalía de Castro foi a primeira a lançar uma obra totalmente em galego no século XIX, sua obra *Cantares Gallegos* do ano de 1863, que foi reconhecido como a obra que deu início ao movimento do *Rexurdimento* literário.

A busca por uma consciência galega de diferenciação cultural deu início ao movimento conhecido por *Rexurdimento* galego, que foi a retomada da literatura em língua galega, após séculos de esquecimento, o uso da língua retorna o antigo posto de instrumento artístico, os poetas serviram como núcleo central e de referência para filólogos e historiadores.

O *rexurdimento galego*, segundo José Luis Varela, é um filho tardio do romantismo<sup>158</sup>. O *rexurdimento* pode ser dividido em três gerações, a primeira, entre 1843 – 1868, marcada pela instabilidade política e com o idioma galego aparecendo tímido e esporadicamente em periódicos, durante esse período apenas dois livros em língua galega foram publicados, sendo *A Gaita Gallega*, de Xoán Manuel Pintos, e *Cantares Gallegos*, de Rosalía de Castro. A segunda geração, 1871-1885, da qual Pondal fazia parte, foi caracterizada pela estabilidade política - promovida pela Restauração - propiciou um ambiente mais favorável à criação artístico-cultural, nesta etapa apareceu uma quantidade maior de livros em galego, além de periódicos e semanários ilustrados. Segundo Varela<sup>159</sup>, esta foi a geração que mais se empenhou na missão de restaurar o idioma galego como instrumento artístico. Eduardo Pondal é considerado, ao lado de Manuel Murguía, como um dos maiores precursores do movimento do *Rexurdimento*. A terceira e última geração, 1886- 1906, pode ser caracterizada pelo aparecimento de novos gêneros literários, como novelas e teatro.

Nos anos finais do século XIX e nos iniciais do século XX, o *rexurdimento* entrou em uma nova fase, na qual o movimento político-cultural se tornou mais coeso em que personalidades das três gerações trabalharam juntas. A partir do século XX, o movimento do *rexurdimento* se afasta da problemática celta, conquista um público maior em relação às fases anteriores, ainda composto de universitários, letrados e artistas, mas que ainda sim não conseguiu alcançar uma verdadeira adesão popular. O *rexurdimento*, segundo Varela, foi em última instância “um acto de autonomía literária y artística, de política cultural. El idioma escindia y definía: unía, también, a los que quedaban abrazados entre sus límites”<sup>160</sup>. E ainda que:

En torno al cultivo literario del gallego o al de su investigación lingüística se encuentra el secreto motriz del Renacimiento, su consciencia y su alcance. Pues, efectivamente, el Renacimiento era en última instancia un acto de autonomía literaria y artística, de política cultural. El idioma escindía y definía: unía

---

<sup>158</sup> VARELA, José Luis. *Poesía y restauración cultural de Galicia en el siglo XIX*. Biblioteca Romanica Hispanica. Madrid: Editorial Gredos, 1958. p. 30 – 31.

<sup>159</sup> Ibidem, p.38

<sup>160</sup> Ibidem, p. 65.

también, a los que quedaban abrazados entre sus límites. [...] La restauración lingüística no significaba, pues, mero capricho o placer arqueológico o folklórico-estético, sino algo vivo y práctico, cotidiano y político.<sup>161</sup>

O *Rexurdimento* transferiu a questão étnico-antropológica para o plano linguístico. Sobre a gênese do idioma, segundo Henrique Monteagudo<sup>162</sup>, os eruditos galegos oscilaram entre duas posições: por um lado de que o galego era basicamente uma língua neo-romance que incorporou traços linguísticos anteriores e posteriores ao latim, sem, no entanto modificar seu caráter românico, do outro lado, outros, sobretudo historiadores como Murguía, defendiam a origem celta do povo galego, e durante o século XIX isso criou a crença de que o idioma galego teria uma origem céltica, ou pelo menos alguns traços da língua celta que presumidamente se falava em Galiza, antes do processo de romanização, além da contribuição germânica (suevos) tanto etnicamente quanto linguisticamente, mas em menor grau que os celtas. Murguía seguia por um caminho de conciliação entre as duas teorias, mas ressaltando a diferença na gênese do castelhano e do galego. Não é possível negar a legitimidade e a conveniência de fazer o galego uma língua literária, a reivindicação e o impulso do uso culto do idioma galego marcou um movimento geral da dignificação do país e do povo galego, articulada através de uma estratégia de uma construção de uma identidade galega diferenciada, apesar disso, não houve no século XIX, nada que legitimasse o galego como língua autônoma em termos linguísticos científicos<sup>163</sup>.

O movimento do *Rexurdimento* coloca o celtismo como elemento essencial da identidade galega. De Pondal emana o celtismo, a invocação de Breogán, o bardismo e motivos ossiânicos<sup>164</sup>; o poeta empreendeu um caminho retilíneo e nítido com dedicação total ao fazer literário e a restauração político-literário de Galiza, e nas palavras de Murguía, “el poeta por completo al servicio de la patria gallega”<sup>165</sup>. Segundo António Gil Hernández, Pondal apoiou os elementos de sua poesia em dois alicerces básicos

<sup>161</sup> VARELA, José Luis. Op. cit. p. 65.

<sup>162</sup> MONTEAGUDO, Henrique. *Ideas de Manuel Murguía sobre o idioma galego*. Boletín de la Real Academia Galega, Novos Boletíns, nº 361, p. 200.

<sup>163</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>164</sup> Ossianismo é um movimento literário que tem como base os poemas do bardo Ossian, publicado em 1760, pelo escritor James Macpherson que teria traduzido os poemas do suposto bardo gaélico para o inglês, todavia ao ser desafiado a mostrar os originais em gaélico, ele não o fez, isso retirou sua credibilidade e a obra do suposto bardo Ossian foi considerada uma farsa, no entanto a obra teve uma grande influência literária, sobretudo nos países de origem celta.

<sup>165</sup> MURGUÍA, Manuel APUD VARELA, José Luis. Op. cit. p. 213

a sua concepção teórico-ideológica da Galiza e do Ressurgimento da sua cultura, em que ele próprio teve um papel destacado. Estes dois alicerces foram a utilização do galego da sua época como língua nacional, e a utilização do passado céltico como fonte de inspiração. Com a dignificação da língua tentou dar um instrumento de comunicação ao povo galego para além do castelhano. A dignificação lingüística levaria a uma maior coesão social e à assunção do passado glorioso do povo galego, que deveria ser mais glorioso ainda que o do povo invasor, para servir assim como elemento dignificador. Pondal mostra as características gerais de defesa face à agressão do castelhano e o escudo onde encontrar proteção para o seu labor de engrandecimento social e cultural da etnia galego-portuguesa. Pondal utilizou todos os recursos ao seu alcance para lograr este fim. No plano mitológico Pondal achou, no exemplo de Machperson, com os seus cantos ossiânicos, um conjunto de tradições que podia utilizar. Seguindo a ideia de Murguia do passado céltico da Galiza, Pondal tomou a figura de Breogão como um mito ideal para articular a concepção do seu mundo poético pessoal que lhe serviria para alcançar os dois objetivos antes expostos.<sup>166</sup>

O celtismo na poesia de Pondal vem da influência teórico-historigráfica de Manuel Murguia, dentro do movimento político do *Rexionalismo*. Dentro do *Rexurdimento* galego, Pondal é considerado o bardo galego, no qual canta sua pátria, seu passado e o por vir da nação de Breogán. O poeta, dentro do movimento, tinha funções, que deveria seguir para ser um representante da pátria galega: “[...] Este estaria obrigado a comprometer-se com a sua pátria e defende-la dos ataques contra ela dirixidos, axudar a crear unha nova Galicia e poñerse ó servício do renacemento do seu povo [...]”<sup>167</sup>, e Pondal, ao que tudo indica, incorporou essa função.

### “Os Pinhos” de Eduardo Pondal da poesia à Hino Galego

O poema “Os Pinhos” / “Os Pinos” é seguramente a composição mais conhecida de Eduardo Pondal, seja em forma de poema, seja como letra do hino oficial da Galiza. O texto do hino foi fruto da correspondência<sup>168</sup> entre Eduardo Pondal e Pascual Veiga do coral “Orfeón Coruñes, núm. 4”, entre os meses de março e abril do ano de 1890, nas quais o compositor solicitava ao poeta um texto para uma partitura que iria ser apresentada em um evento, que ocorreria no mês de agosto daquele ano, no qual que se elegeria o melhor hino galego. O texto definitivo foi publicado no mesmo ano, o poema “Os Pinos”<sup>169</sup> integrou a segunda edição de *Queixumes dos pinos*, realizada pela Real

<sup>166</sup> HERNANDÉZ, Antón Gil. Introdução. In: PONDAL, Eduardo. Op. cit. p.33-34.

<sup>167</sup> FORTES LÓPEZ, Ana Belén. *O Dicionario de escritores gallegos*. Boletín de La Real Academia Galega, Novos Boletíns, nº 361, 2000, p. 175. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=3361&d-447263-p=1>. Acessado em: 26/02/2017.

<sup>168</sup> Anexo A

<sup>169</sup> Anexo B

Academia galega. A versão publicada do poema foi feita em 1935<sup>170</sup>, baseada em várias outras, escritas pelo próprio Pondal, que estava sempre reescrevendo seus textos com o intuito de aperfeiçoar a sua escrita em galego. Essa versão se tornou a oficial do Hino galego.

Pondal seleciona alguns símbolos para expressar os valores da Galiza. O “pino”/ “pinho” é uma espécie arbórea, comum na Galiza, e abarca uma série de significados:

“[...] representan voces, unas veces susurrantes, otras desesperadas del pueblo [...] celta. Son las voces de ese mito creado por el poeta que tienen existencia real en su alma, y Pondal transformó en poesía para alentar al pueblo gallego, y aconsejar que emule los hechos de sus antepasados.”<sup>171</sup>

Como podemos observar em *Os Pinos* :

“[...] dos teus soantes pinos  
duns máxicos destinos,  
¡ oh, grei de Breogán!”<sup>172</sup>

Pondal segue usando elementos da natureza para descrever e identificar a Galiza. Fica claro sobre qual lugar que ele fala, pois Galiza é conhecida por sua paisagem verde durante o ano todo, uma vez que se localiza em uma zona temperada, na qual há grande umidade e chuvas durante todo ano. O poeta fala ao povo galego, os filhos de Breogán, que, assim como seus antepassados celtas, lutaram por sua liberdade e independência. E que a redenção do povo galego só virá, quando recuperarem os valores dos seus antepassados e que estes devem ser manifestados por uma língua autônoma, a singular potencialidade da terra e de sua gente é que reabilitará e formará as novas gerações. Pondal segue se apoiando ao mito celta que serve de base para sua teoria de que os galegos necessitam serem bravos e heróicos, como os antigos guerreiros celtas. A forma como Pondal organiza as estrofes de “Os Pinos” cria uma espécie de clímax que se completa na última estrofe do hino. Na primeira estrofe temos a descrição poética que Pondal faz de Galiza, na segunda continua a descrição da nobre e valorosa terra e clama a nação de Breogán para que acorde do sono em que se encontra, na terceira diz que apenas os bons (os galegos) conseguiram entender o que ele tem a dizer, mas não os

<sup>170</sup> Anexo B.

<sup>171</sup> RICÓN VIRULEGIO, Amado. *Origen y sentido del himno gallego*. Boletín Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 31, nº 356, 1974, p. . Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2783> . Acessado em: 26/02/2017.

<sup>172</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinos E outros Poemas*. Edição SENÍN, Xavier. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995. p. 125.

ignorantes (espanhóis). Na quarta estrofe fala que chegou a hora da redenção da nação e que a função do bardo será guiar esse despertar; na estrofe seguinte que é necessário ter honra para o intrépido combate que terão que travar para se libertarem da servidão pelas próprias mãos. Na sexta estrofe, lembra que Portugal (Lusitânia) tem estreita relação com Galiza, desde tempos antigos, quando faziam parte de um mesmo território, e que Galiza terá o mesmo destino (se separar da Espanha). Nas duas estrofes seguintes, Pondal fala da origem nobre (celta) do povo galego e que é necessário educar, sobretudo as novas gerações na língua galega que é uma língua forte e sonora. Na nona e na décima estrofes temos colocada a questão da necessidade de se travar uma luta para que se alcance o objetivo (a formação da pátria galega) e que os galegos devem e são fortes para cumprir essa missão, uma vez que são descendentes dos nobres, valorosos e fortes guerreiros celtas. Portanto, Pondal em “Os Pinos”, faz o que acredita ser o papel de um bardo, uma vez que este, entre os celtas, tinha como função exaltar os feitos passados e profetizar o futuro, como forma de dar forças aos guerreiros que estavam em preparo para batalha. Sendo assim, Pondal cumpre também a função que Murguía definia ser a principal do poeta dentro do movimento do *Rexurdimento*: cantar, defender e exaltar a pátria.

¿Que din os rumorosos

na costa verdecente,

ao raio transparente

do prácido luar?

¿ Quen din as altas copas

de escuro arume<sup>173</sup> arpadado

co seu bem compasado

monótono fungar?

- “ Do teu verdor cinguido

e de benignos astros,

confin dos verdes castros

e valeroso chan,

non dês a esquecemento

da inxuria o rudo encono;

---

<sup>173</sup> Arume: folhas dos pinheiros



desperta do teu sono,  
fogar<sup>174</sup> de Breogán.

“Os bos e xenerosos  
a nosa boz entenden  
e com arroubo atenden  
o noso rouco son  
mais soo os ñorantes,  
e feridos e duros,  
imbéciles e escuros  
non os entenden, non.

“Os tempos sonchegados  
dos bardos das edades,  
que a vosas vaguedades  
cumprido fin terán;  
pois, donde quer, xigante  
a nosa voz pregoa  
a redenzon da boa  
nazón de Breogán.

“Teus fillos vagorosos  
en que honor soo late,  
a intrépido combate  
dispondo o peito van;  
se, por ti mesma, libre  
de indigna servidume  
e de oprobioso alcume,  
rexión de Breogán.

“Á nobre Lusitania

---

<sup>174</sup> Sinónimo de Lar

os brazos tende amigos,  
 os eidos bem antigos  
 com puxente afán;  
 e cumpre as vaguedades  
 dos teus soantes pinos,  
 duns máxicos destinos,  
 ¡oh, grei<sup>175</sup> de Breogán!

“Amor da terra verde,  
 da verde terra nosa,  
 acende a raza briosa  
 de Ousinde e de Froxán;  
 que aló nos seus garridos  
 xustillos, mal constreitos,  
 os doces e albos peitos  
 das fillas de Breogán;

“que á nobre prole insinem  
 fortísimos acentos,  
 non mólicos concentos  
 que ás virxes só ben están;  
 mais os robustos ecos  
 que, ¡oh, pátria!, bem recordas  
 das sonoras cordas  
 das arpas de Breogán.

“Estima non se alcanza  
 cun vil xemido brando;  
 qualquer requer rogado  
 con voz que esquecerán;  
 mais cun rumor xigante,

---

<sup>175</sup> O mesmo que Nação, povo, clã.

subrime e parecido  
 ao intérprido sonido  
 das armas de Breogán.

“Galegos, sede fortes,  
 prontos a grandes feitos;  
 aparellade os peitos  
 a glorioso afán;  
 fillos dos nobres celtas,  
 fortes e peregrinos,  
 luitade plos destinos  
 dos eidos de Breogán”<sup>176</sup>

O tema dos “pinos” irá reaparecer em diversos poemas, ora como vozes que gritam ou que se emudecem;

[...] Mais os corutos,  
 en donde os pinos  
 queixarse soen  
 co vento soán,  
 xá sabedores  
 dos seus destinos,  
 cal quen teme decir esquiva nova,  
 nada dirán..<sup>177</sup>

Os pinos fan doce son;  
 nesta doce soedade  
 apértase o corazón. [...] <sup>178</sup>

Cómo soan, cómo soan

---

<sup>176</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinos E outros Poemas*. Edição SENÍN, Xavier. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995. p. 123 - 126

<sup>177</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 17

<sup>178</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 67

os pinos co vendaval;  
soade, pinos, soade,  
que é doce vos ecuitar.

A vosa roca harmonía,  
o voso doce compás,  
mil cousas me están dicindo,  
mas non as podo expricar.<sup>179</sup>

Como pinal co vente murmurando,  
mil soños fermosísimos evoca;  
cal salvaxe torrente derivando  
de montesía cóncova furoca:  
tal con acento harmonioso e brando,  
a palabra ceibou da nobre boca  
o vello Brandomil, e así falaba  
ao tenro Bradoñas que escuitaba: [...] <sup>180</sup>

ora, como sinónimo de forza e resistencia:

Cando os duros machados  
feren os altos pinos,  
e caen com estrondo  
no chan de Bergantiños,  
no caen, non, en vano  
cal xigantes erguidos,  
sin groria e sin renome,  
nos seus eidos bravios:

mas ao caer, ceibando,  
os ulidores piños

---

<sup>179</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit., p. 172

<sup>180</sup> Ibidem, p. 264

se espallan na devesa  
 polo mato nativo,  
 e da semente se erguen  
 descendentes altivos.

Así, cando caeran  
 aqueles destemidos,  
 de nobres ideales  
 os boos peitos enchidos,  
 non caeran em vano,  
 em oprobioso olvido,  
 coma o vulgo dos homes  
 na escuridade extintos.

[...] pode oprimir o ferro  
 un corpo enfraquecido;  
 mas as nobres ideas  
 e gloriosos instintos...  
 ¡esses...non pode, non, o duro ferro  
 nin a morte extinguilos!<sup>181</sup>

Ou ainda sintetizando todos os aspectos: as vozes, a força, a resistência, além da grandiosidade e intensidade. Para além deste aspecto, o poema “Cal pino de Breogán alto e subido”, fala da resistência do galego ao imigrar<sup>182</sup> e que um dia retornará em breve a sua terra, e que, apesar da pequena pátria estar em decadência, ela se reerguerá em breve.

Cal pino de Breogán alto e subido,  
 magnífico, arrogante,  
 na ruda canle erguido,  
 dereito e bem seguido,

---

<sup>181</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 100-101

<sup>182</sup> Durante o século XIX, devido a instabilidade política e a precariedade na qual se encontrava Galiza, uma população majoritariamente rural ao se ver sem trabalho, imigra sobretudo para Cuba, Argentina e Uruguai.

harmonioso e xigante,  
 quezais de edra cinguido,  
 cando cae ferido  
 plos duros fios da segur cortante,  
 que súa pompa magnífica em redondo  
 soe espallar con fragoso estrondo,  
 e astillazos e polas,  
 e ramas e carolas,  
 e arpados arumes,  
 niños de sinfonias e queixumes,  
 e harmoniosos ramaxes  
 que somellan cordaxes,  
 instrumentos acordes,  
 por natura concordes,  
 a distancia grandíssima espallados,  
 como nobres trofeos quebrantados:  
 tal ti Curros amigo,  
 eterno honor do noso chan antigo,  
 certo, caeste non inadvertido,  
 en um momento breve,  
 non como cousa grande  
 que o seu sonido espande  
 com um forte e grandísimo sonido.  
 Certo, tua caída estrepitosa  
 chorará para sempre Erín piadosa.<sup>183</sup>

Pode-se então sintetizar “Os pinos” como elemento de expressão artística, como sendo identificado, sobretudo como componente não só da paisagem galega, mas como sinônimo de uma força antiga e mística que vêm desde os tempos dos celtas e que está impregnada na alma galega. A permanência do poema na letra oficial do Hino Galego pode ser visto como valorização da identidade cultural galega.

---

<sup>183</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 202 - 203

## O mundo pondaliano

Na poesia pondaliana, serão encontrados elementos relacionados à paisagem da Galiza, desde seus verdes campos, rios, monumentos antigos, personificação de topônimos em heróis, guerreiros, fadas, etc. Galiza fica na ponta setentrional do noroeste ibérico,

[...] E qui remata o velho mundo. A costa é bravosa, de outras penedias, a mar é inclemente, alporizada e cruel [...] Terra ríspida, arredia, soedosa, baril, calada, de esteos horizontes xeográficos e históricos. Ista terra fixo a Pondal gran poeta, e Pondal fixo dista terra gran tema de poesía.<sup>184</sup>

Pondal canta a saudade da terra, dos vales, dos castros, dos antigos carvalhais, do mar. Evoca as “bretémas”<sup>185</sup>, o rumor dos pinheiros, coisas longínquas e esquecidas, “loitas de outros tempos”<sup>186</sup>. O poeta ainda canta a saudade, tanto da terra, como dos feitos passados, como da pátria livre, sendo a saudade, segundo Francisco Fernández del Riego<sup>187</sup>, sentimento tipicamente galego. O saudosismo da terra natal, como parte integrante do ser galego. Segundo Varela, em um reencontro com a paisagem familiar, cabe apontar três elementos: “1º Cómo se presentaba esa paisaje em el recuerdo. 2º Cómo se presenta ahora. 3º Cómo era el sujeto; cómo es el sujeto en el momento del reencuentro.”<sup>188</sup>

Non cantes, bergantiñán,  
que me morro de suidades  
cando alumea o luceiro  
por entre os pinos soantes.

Non cantes; esse teu canto  
temo que me doude ou mate;  
non cantes, bergantiñán,

<sup>184</sup>FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco. *O mundo de Eduardo Pondal*. Boletín de La Real Academia Galega Tomo 27, nº 309 -320, 1956, p. 277. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=6>. Acessado em: 26/02/2017.

<sup>185</sup> O mesmo que bruma.

<sup>186</sup> LORENZANA, Salvador. Op. cit. p. 278

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> VARELA, José Luis. Op. cit. p. 244

se é que de min tes piedade,  
 esse canto que trai á memória  
 recordos que abaten...  
 Esse cando me fere e magoa  
 como um coitelo cortante.<sup>189</sup>

Nos versos pondalianos, proliferam topônimos de todos os tipos: nome de logadouros e de labregos<sup>190</sup>, lugares pequenos, lugares nas encostas perto do mar bravo. Pondal os escolhia, ao que tudo indica, não só pelos seus significados pessoais, mas sobretudo por suas sonoridades: “<sup>191</sup>Sisargas, Niños, Xallas, Toriñan, Nemiña, Dorméan, Brandomil, Gomariz [...] todos de significación xeográfica”. O povos que habitaram a Galiza na antiguidade, os castros e os cabos também emprestaram ao poeta nomenclaturas usadas na criação da sua mitologia, com eles personificam os heróis e os guerreiros celtas de seus poemas. Nos trechos dos dois poemas apresentados abaixo, temos os seguintes topônimos convertidos em personagens que compõem o mundo céltico pondaliano: o município de Baltar, na Província de Ourense, As paróquias/freguesias de (São) Brandomil e (Santa María de) Brandoñas, no município galego de Zaz, na província de A Corunha.

A hora em que o doce luceiro  
 coménzase a fundi,  
 as bem cornudas cabras motesías  
 levando diante de si,  
 o pastor celta Temunde  
 volvia ó doce redil;  
 soo, cantando pola gandra  
 de Xallas, de uces nutriz,  
 e estremecendo a vaga soedade,  
 seu cantar decía así:

-Arca antiga da *Piosa*

<sup>189</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 143

<sup>190</sup> Trabalhador rural.

<sup>191</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit., p. 283



o vente que é triste oír  
 funga nas esquivas uces,  
 que están ó redor de ti;  
 e pasa entre elas bruando  
 con um dorido xemir:  
 debaixo das tuas antes  
 está o valente Brandomil;  
 nono no olvido, mais nos brazos  
 do eterno e doce dormir:  
 tem ó seu lado dereito  
 o elmo dourado e xentil,  
 o escudo e a dura Lanza  
 onde o sol soia ferir,  
 e con pracer os celtas contempraban  
 de Xallas no ermo confín.<sup>192</sup>

O escuro Brandoñas  
 e o roxo Porcar,  
 dous fillos dos celtas  
 de edá tenra e igual,  
 na lanza apoiados,  
 cal dous aveláns  
 que están incrinados  
 do vento quezais,  
 com bágoas quentes dos ollos falaban  
 da doce *Baltar* [...] <sup>193</sup>

A paisagem principal que aparece nas poesias do noso autor é a comarca de Bergantiños, (n)o municipio de Pontecesso e (n)a provincia de A Corunha, sempre

---

<sup>192</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p.

<sup>193</sup> Ibidem, p. 78

apresentados por seus vales cheios de pinheiros, pequenas aldeias e de trigais. Pondal persegue a geografia galega, mediante as vivificações dos cenários de sua juventude:

Eu nacín em agreste soedade,  
 eu nacín cabo dun agreste outeiro,  
 por onde o Anllóns<sup>194</sup> com nobre maxestade  
 camiña ao seu destino derradeiro.  
 eu non nacín em vila nin cidade,  
 mais lonxe do seu ruído lisonxeiro;  
*eu nacín cabo de pinal espeso,*  
*eu nacín na pequena Pontecesso.*  
 [...] <sup>195</sup>

“Ouh, terra de Bergantiños,  
 roxa ó arar, nobre e testa,  
 doce á vista desde lonxe,  
 donde vin a lus primeira.

[...]

Ouh, terra de Bergantiños,  
 bem te vexo desde lonxe,  
 cos teus trigos e os teu pinos.

[...] e vedes a longa terra  
 de Bergantiños tendida  
 no chan dos antigos celtas; [...]

Bem te vexo, Bergantiños,

---

<sup>194</sup> Rio Anllóns corre por toda pontecesso e desemboca no mar

<sup>195</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 144-145

desde o alto de Ferreira,  
cos teus trigos e os teu pinos.<sup>196</sup>

Pondal em sua obra estabelece um vínculo fundamental entre o espírito galego e a terra, relembra as qualidades da raça e do país que são resultados de uma suposta herança étnica, histórica e literária. Galiza ora aparece como encarregada pela vida de todos os galegos que sobrevivem a gerações entre sonhos e dores, ora o povo galego como dependente da própria terra (Galiza) como espírito criador do ser galego. Portanto, a natureza fará parte da evolução da poesia pondaliana, na qual dinamiza e de certo modo personifica e torna a paisagem subjetiva.

### **O celtismo e a figura de Breogán na poesia pondaliana.**

A descendência celta do povo galego propiciou um caráter diferencial que foi usado para construir uma identidade galega própria. Os elementos célticos condicionaram a literatura galega do final do século XIX, segundo Ana Belén Fortes López:

[...] As qualidades célticas que se refliten na produción poética son, segundo Murguía, a dozura, a tristeza, a suavidade, o poético e o marabilloso. A raça céltica caracterízase pólas súas doces inclinacións a todo o vago e ensoñador, e que faría apta para o cultivo da poesía, e os poetas galegos serían os únicos que souberon ser fieis ó sentimento poético da súa raza.<sup>197</sup>

A poesia pondaliana emprestou uma visão ossiânica a Galiza, segundo Fernández del Riego, Pondal provavelmente estudou os poemas ossiânicos através de uma versão francesa de 1867, “[...] afirma Rouza Brey, que atopou um exemplar único na Biblioteca do Bardo[...]”<sup>198</sup>, além de James Macpherson, também leituras clássicas como Homero, Virgílio, Tucídes, Tasso, Plutarco, Hugo, Byron, Braga e Camões.

Segundo Fernández del Riego,

[...] Pondal inventou para os galegos o celta, e o celta mesmo inventou em Galicia unha idade de ouro homérica. Carballo Callero indica que Homero e Ossián repártense a voz

<sup>196</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit., p. 19 - 21

<sup>197</sup> FORTES LÓPEZ, Ana Belén. Op. cit. p.174

<sup>198</sup> FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco. Op. cit. p. 282

pondaliana. O Bergantiñán assimilou a poesía de Marpherson pero solo em certa medida[...]”<sup>199</sup>

Sobre o mito celta, Pondal elaborou a grande parte de sua obra, mito este que não estava despregado da realidade do poeta, ele se baseou nas raízes da proto-história galega, pontuando aqui a grande importância que teve a historiografia criada por Murguía para isso. Além disso, segundo Amado Ricon Virulegio, Pondal também tinha conhecimento direto da arqueologia ligada à raça e da cultura celta existente em Galiza, além de uma vasta e sólida formação livresca<sup>200</sup>. Pondal, ao forjar o mito céltico em sua poesia, parece não se dar conta da polaridade histórica entre passado/presente. Ele encara como um continuísmo no qual o passado está sempre presente e o futuro é essencialmente composto por elementos do passado. O mito celta não encerra apenas a realidade política e social, mas cumpre um papel estético dentro da obra do autor, a expressão estético-política se dará por meio metafórico, simbólico e sintetizador de ideias. A importância do mito é que ele constitui em sua essência a força operativa, e nele há um desenho específico que lhe caracteriza como eterno, explicando o passado, atuando sobre o presente e predizendo o futuro.

O sentido do mito celta na obra pondaliana é que ele serviu como base para a teoria reabilitadora, na qual os galegos se voltariam aos valores dos seus antepassados celtas, que foram heróicos e guerreiros ao lutarem para defender a sua integridade territorial, moral e cultural diante de outros povos e tribos vizinhas.

A figura mais importante dentro do mito celta criado por Eduardo Pondal é sem dúvidas Breogán<sup>201</sup>, que aparece em inúmeros poemas como representação de Galiza ou

---

<sup>199</sup> FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco. Op. cit. p. 282

<sup>200</sup> RICON VIRULEGIO, Amado. Op. cit. p.

<sup>201</sup> Carlos MOREU em seu livro digital *os Hijos de Breogán* diz que o: [...] la expansión céltica que se produjo históricamente en el oeste europeo y que alcanzó las Islas Británicas y la Península Ibérica tiene su expresión en las legendarias conquistas de Brath y en el poderoso reino occidental de su hijo Breogan, así como la posterior llegada de los descendientes de Breogan a Irlanda. Los otros dos elementos de esta historia “sintética” de los gaélicos –que se han planteado como una hipótesis bastante plausible– serían la leyenda de origen galo que podría haberse difundido entre los laighin de Leinster, basada en la auténtica experiencia que vivieron algunos grupos celtas en el sureste de Europa y en Egipto, y la leyenda sobre un contingente hispánico procedente del puerto galaico de Brigantia que llegó a la costa irlandesa de Munster, la cual sería un trasunto del posible apoyo militar recibido por el noble irlandés Eogan Mor desde el noroeste de Hispania. Todos estos componentes, basados en sus correspondientes hechos históricos ocurridos en diferentes épocas, podrían haberse entremezclado durante varios siglos en las narraciones orales de los bardos irlandeses, llegando así a atribuir al rey Breogan –el mismo héroe que sería recordado como el mítico antepasado de los brigantes– la fundación de la ciudad galaica de Brigantia en la que se habrían embarcado los legendarios Hijos de Milid. En cuanto al personaje de Milid, éste se habría fusionado con el héroe llamado Galam, el cual representaba a los gálatas que se habían trasladado a la zona del mar Negro y a Egipto desde la Galia, algunos de los

como patriarca celta fundador da antiga Galiza. Segundo o mito, Breogán foi um antigo e legendário Rei celta, que fundou a cidade de Brigantia, que hoje é identificada como sendo a atual A Coruña. O *Diccionario del mundo Celta*, organizado por Víctor M. Renero, um dicionário temático, define Breogán como:

Mítico rey de España según la tradición irlandesa recogida en el *Lebor Gabála* (Invasiones\*, Libro de las). Bregóán, hijo de Brath, tas combatir y someter a las diversos pueblos de España, construyó en la ciudad de Brigantia una torre, desde la que su hijo Ith\* vislumbró Irlanda en una noche de invierno. Los monjes irlandeses del siglo XI, relacionaron Brigantia con la ciudad galaica de Brigantium, posiblemente Bentazos o La Coruña; algunos historiadores románticos gallegos fueron más alla llegando incluso identificar la torre de Breogán con la torre de Hércules en La Coruña.<sup>202</sup>

Pondal assumiu o posto de “bardo da nação galega, seu guia espiritual, seu profeta”<sup>203</sup>, com base nas lendas celtas e de Breogán, o poeta passa a identificar Galiza como *fogar de Breogán, nação de Breogán e Celtia*. Isso pode ser observado em vários poemas, mas aparece com mais destaque no poema *Os Pinhos*, na versão de 1890, a figura de Breogán. Na segunda estrofe temos: “Desperta do teu sono/ fogar”<sup>204</sup> de Breogán, no qual pode-se observar a referência a consciência nacional de qual fala Murguia, que está presente entre os galegos, mas que é preciso vir a tona. Na terceira estrofe temos a indicação de que chegou o tempo da libertação de Galiza:

[...]a nossa voz pregoa  
a redenção da boa  
nação de Breogán.

Nas duas estrofes posteriores, mais uma vez Galiza aparece identificada como “rexião de Breogán” e “ó grei de Breogão!”. Na sétima estrofe faz uma raça briosa “filhas de Breogán”. Na penúltima estrofe de *Os Pinhos*, temos uma referência ao ensino futuro da língua galega, a língua dos filhos de Breogán, língua forte como as sonoras cordas da harpa do patriarca celta:

---

cuales regresaron posteriormente a occidente con las riquezas conseguidas en sus viajes. El resultado de esta fusión literaria sería el personaje llamado Galam Milid, a quien se consideró además un nieto del legendario Breogan y un descendiente de otro mítico patriarca, de origen escita, llamado Gaedhel Glas. El personaje de Eber, por su parte, que obtuvo la soberanía en el sur de Irlanda, podía representar a los llamados eoganachta que dominaron esa misma región desde el siglo II d C, cuyo mítico antepasado debía de llamarse igualmente Eber; mientras que el nombre de Eremon, hermano de Eber, parece estar relacionado directamente con el de Eriu o Eire, que es la propia tierra de Irlanda”. In: MOREU, Carlos. *Los Hijos de Breogan: Historia y leyenda de los pueblos célticos*, Madrid: E-livro editado pelo autor, 2012.

<sup>202</sup> RENERO, Víctor M. *Diccionario del mundo Celta*. Colección: DIDO Diccionarios. Madrid: Alderabán Ediciones, 1999. p. 36.

<sup>203</sup> MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *O celtismo no processo identitrário galego. A literatura fundacional*. In: LUPI, João (org.) *Druidas, Cavaleiros e Deusas*. Florianópolis: Insulas, 2010. p. 196

<sup>204</sup> Fogar = lar

que á nobre prole insinem  
 fortísimos acentos,  
 non mólidos concentos  
 que ás virxes só ben están;  
 mais os robustos ecos  
 que, 'oh, pátria!, bem recordas  
 das sonoras cordas  
 das arpas de Breogán.

E na última estrofe, o poeta faz referências à luta pela pátria galega, no qual a Espanha pode esquecer de sua voz, mas não do barulho das armas de Breogán:

Estima non se alcanza  
 cun vil xemido brando;  
 qualquer requer rogado  
 con voz que esquecerán;  
 mais cun rumor xigante,  
 subprime e parecido  
 ao intérprido sonido  
 das armas de Breogán.

De acordo com Maria do Amparo Tavares Maleval,

Trata-se de uma prosopopeia da terra galega, metonimizada pelos seus altos pinheiros, conclamando o *fogar*, isto é, a casa *de Breogán* a despertar do sono de séculos, pois é chegada a hora da *redenzón*. Desta forma, a nobreza das origens, simbolizada pelo valente patriarca mítico, bem como a altaneira estatura dos pinhos seculares são imagens utilizadas para promover a auto-estima entre os naturais da terra.

O acato dessas imagens de Pondal em um dos símbolos da pátria galega remete-nos novamente ao conceito de nação evocado de início: “ A nação nasce de um postulado e de uma invenção, mas só se mantém viva com a adesão a essa ficção.”<sup>205</sup>

A figura de Breogán vai muito além do poema *Os Pinhos*, o patriarca celta aparece em alguns outros poemas, quase sempre para identificar Galiza como nação. Essa caracterização através da figura de Breogán sempre levará em consideração o fato

---

<sup>205</sup> MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Op. cit. p. 198

de o território galego ter sido independente e que passou a ser obrigado a fazer parte de um todo do qual gostaria de se apartar, devido ao fato de se sentirem prejudicados com a forma que Galiza é tratada pelo Estado espanhol:

Cando te vexo, ¡oh! Filla  
de Breogán, nobre e boa,  
cando te vexo triste,  
desvalida e chorosa,  
entonces sin quere-lo  
vén á miña memoria  
as guerras dos escravos,  
as guerras dos ilotas. [...] <sup>206</sup>

A figura dos celtas aparece em vários poemas de Pondal, sempre como gente valorosa, nobre e forte, e que apesar de serem violentados pela Espanha, não hão de ceder, pois são de uma raça superior e valente. A questão da origem céltica e sueva (germânica/ nórdica) do povo galego em contraposição ao ser espanhol aparece de forma bem clara no poema “Da Raza”

Nós somos alanos,  
e celtas e suevos,  
mas non castellanos,  
nós somos gallegos.  
Seredes iberos,  
seredes do demo.  
Nós somos dos celtas,  
nós somos gallegos.

Se son catellanos,  
se son dos iberos,  
se son dos alarbios  
e mouros, e eso  
da súa prosápia  
os fai bem contentos:

---

<sup>206</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 166

que Sean quen queiran  
 e os veigan os demos.  
 Nós somos do norte,  
 nós somos suevos,  
 nós somos dos celtas,  
 nós somos gallegos.  
 [...] <sup>207</sup>

Assim como em outros poemas, ser galego, ser celta, será sempre algo positivo em contraposição aos espanhóis/castelhanos sempre como algo negativo. A poesia pondaliana ressalta sempre a origem céltica, nobre e guerreira do povo galego:

Dos celtas antigos  
 gloriosos exempros;  
 do duro romano  
 non lixios, non servos:  
 rompede as cadeas  
 da pátria, dói eidos;  
 luitade valentes;  
 luitade, gallegos. <sup>208</sup>

Além do mito celta, Pondal recorre ao recurso de se denominar o bardo galego, que segundo a definição de Renero:

Uno de los tres grupos que componían el estamento religioso y sacral del mundo celta galo [...] los bardos eran poetas líricos. Por lo que parece ser que su función estaba relacionada con el carácter sagrado de la poesía y la música en ciertos rituales, siendo los encargados de la transmisión de los mitos y las genealogías heroicas, y actuando como garantes de la cohesión ideológica de la comunidad. <sup>209</sup>

Pondal se utiliza deste recurso para falar em nome dos galegos, sobre a dor e a saudade da Galiza, enquanto independente de Espanha, e que mesmo que isso tenha sido há muito tempo, eles ainda se recordam, Pondal, portanto,

<sup>207</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p 246 – 248.

<sup>208</sup> Ibidem, p. 178 – 179.

<sup>209</sup> RENERO, Víctor M. Op. cit. p. 29



concebe-se a si mesmo como a um bardo que deve anunciar os novos tempos de liberdade, em que Galiza recobra o seu passado ideal. Assim Pondal contrapõe na sua poesia o passado celta, cheio de esplendor, esse passado livre, adusto e masculino [...] <sup>210</sup>

Não obstante, Pondal não é só cantor de feitos passados, ele assume o papel de agitar as consciências em Galiza. Assume o papel de modificar as coisas, de animar as pessoas a conseguir a liberdade <sup>211</sup>

Pondal se retrata como um bardo sonhador e vagamundo, estranho a si e aos que o olham.

[...]

O trovador vagabundo

que entre altas uces soña,

e da raza de Breogán

os altos feitos memora, [...] <sup>212</sup>

O bardismo em podal terá a função de cantar o passado glorioso da terra galega, as glórias passadas e profetizar o porvir – anunciando glórias vindouras – através de uma volta ao passado com a esperança de um futuro. O tom profético usado nas poesias exorta o povo galego à luta para recuperar os valores perdidos e a unidade nacional perdida.

¡Cantos feitos fazañosos,

cantas insignes historias,

cantos combates ousados,

cantas ilustres memórias

desoertas na nobre mente

do que teus feitos recordan,

de Breogán torre garrida,

torre nobre, torre airosa

dos fillos da terra verde;

¡ouh torre de Figueiroa! <sup>213</sup>

---

<sup>210</sup> RENERO, Víctor M. Op. cit., p. 43

<sup>211</sup> Idem.

<sup>212</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p.188 -189

<sup>213</sup> Idem

Portanto, Pondal assume a missão proposta pelo *rexurdimento*, que é de cantar, defender e profetizar a pátria galega.

Xa chegaran os dias  
que os bardos anunciaran;  
das gandara largacías  
as brétemas escuras o alongaran.

Ven a maturidade  
vosa mies verdecente;  
galegos, espertade,  
baruda e forte zente;  
vousa fouce afiade  
como agudo crecente,  
vosa fouce famosa,  
vosa fouce robusta e fulxente.

Diante de vós ondea  
A barda de ouro ardente...  
Segade a vosa herdade,  
¡ai daquele que non sea valente!  
Segade, galegos, com forza segade.<sup>214</sup>

[...]  
Que hai tempo que neste mundo  
anda o bardo peregrino,  
deseando chegar ó cabo  
dun traballo escurecido,  
e samente repousar  
desea do seu camiño  
[...]  
Un bardo que tan bem canta

---

<sup>214</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p.127 – 128

non debe temer ser o olvido;  
 ¡ou, cantor dos nobres celtas,  
*os de corpos ben cumpridos,*  
 na terra de Brigandsia  
 pola patria sucumbino!

Esa indecisa quietude,  
 cando me vez, bardo amigo,  
 suidades son dunha patria,  
 que un día a alma perdío;  
 son misteriosas lembranzas  
 do desterrado afrinxido,  
 que se acorda da súa terra,  
 en terra allea cautivo  
 e quer volver outra vez  
 ós patrios eidos amigos.

Os bardos son nobre cousa  
 e grande, e non comprendidos  
 no seu terreno viaxe  
 soen asaz dos fillos  
 dos homes, e duros casos,  
 muitos, provan ós divinos.

¡Tan só ti, soedade agreste,  
 asilo es dos bardos digno! [...] <sup>215</sup>

O personagem do bardo incorporado por Pondal exerce a función de convencer, aconsellar que os galegos falem o galego, pois a súa lingua é parte integrante do porvir da nación galega é un dos sustentáculos da identidade nacional, e é de suma importancia

---

<sup>215</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 22 - 25

para o despertar e a construção da consciência nacional. Esquecer da língua galega é esquecer a pátria.

Miniñas da Cruña,  
 de ambre despexo,  
 de falar graciosa  
 e pasos lixeiros  
 deixá de Castela  
 os duros acentos:  
*falade, miniñas,*  
*falade galego.*

Cando é que vos ouzo,  
 a patria esquecendo,  
 falar esas duras  
 palabras de ferro,  
 non sei o que sufro  
 no sei o que peno:  
*falade, miniñas,*  
*falade galego.*

Mais cando falade  
 nos patrios acentos,  
 evoltos no voso  
 anxélico alento,  
 parece que escuito  
 um canto do ceo:  
*falade, miniñas,*  
*falade galego.<sup>216</sup>*

Por fim a última face do bardo, aquele que canta para animar o combatente:

---

<sup>216</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p138-139

Sea forte o galego  
 nos combates da vida;  
 como robusto pino  
 que erguendo a excelsa cima,  
 da tempestade ao sopro  
 a poderosa frente non incirna.

E se caer acaso  
 duro huracán o obriga,  
 caía como el intrépido  
 com temerosa ruína,  
 cal gladiador sobre a candente área  
 que aínda na man o duro ferro oprima.<sup>217</sup>

Como é possível observar a poesía de Pondal, demonstra algúns empecilhos na comprensión de todos os signos apresentados polo poeta, portanto é possível observar que por presentar elementos eruditos, estes comprometen o entendimento e recepción pela comunidade galega. Segundo Lorenza, [...] la poesía de Pondal no es una obra popular, pero es del pueblo y para o pueblo [...] <sup>218</sup>, no entanto, como podería ser essa obra para o povo galego da época do *Rexurdimento* um arauto nacionalitário se era incompreensível para 90% dos galegos dos oitocentos que eram analfabetos? A obra teve destaque apenas entre a camada intelectual galega, é possível afirmar que somente o poema “Os pinos” ganhou reconhecemento das camadas populares por causa da criação do hino, mas lembrando que apesar dele ter sido criado em 1890, foi gravado apenas em 1907, pelo Centro Galego de Havana, e entre o ano de sua gravação até 1923, era cantado e executado apenas pelos *rexionalistas* e algúns movementos agrários. Apesar de Eduardo Pondal ter assumido a responsabilidade de cantar a Galiza em sua obra poética, é possível observar que tanto Pondal, quanto Murguía e o movemento *Rexionalista* e do *rexurdimento*, não alcançaram o êxito desejado pelos movementos,

---

<sup>217</sup> PONDAL, Eduardo. Op. cit. p. 56

<sup>218</sup> FERNANDÉZ DEL RIEGO, Francisco. Op. cit. p.

uma vez que nem politicamente e nem culturalmente tiveram uma grande visibilidade junto à comunidade galega.

## Considerações finais

“Portanto, fica-nos uma indagação: a Galiza enquanto nação celta é apenas uma pátria imaginada, uma construção de celtófilos? Ou realmente em seus primórdios a presença dos celtas foi decisiva para a sua constituição? ...”<sup>219</sup>

“O conceito de *nação* é um conceito histórico, o que quer dizer, da máxima realidade. Uma nacionalidade vive sempre, como realidade espiritual, independente do Estado de que faz parte.”<sup>220</sup>

Os movimentos do *Rexionalismo* e do *Rexurdimento* buscaram a construção da identidade política e cultural da Galiza, com um projeto de nação – e não de Estado – no qual a língua e os feitos diferenciais – História e raça – foram de elevada importância. Mesmo que politicamente não tenha tido frutos, o *rexionalismo* plantou bases para o nacionalismo galego do século XX. Há 83 anos Galiza foi reconhecida como nação “Del 16 al 18 de septiembre de 1933 se celebró en Berna (Suiza) el IX Congreso de Nacionalidades Europeas, organismo de la Sociedad de Naciones, que reconoció a Galicia como nación.”<sup>221</sup>

“Cualquier que sea el régimen político en que Galicia viva, nuestra tierra, autónoma o no, está ya proclamada moralmente como una nación”. De este modo subrayó Plácido Castro, responsable de Relaciones Internacionales del Partido Galeguista, la importancia histórica de la participación de Galicia en el IX Congreso de Nacionalidades Europeas, organismo de la Sociedad de Naciones, que se celebró del 16 al 18 de septiembre de 1933, y que supuso el primer reconocimiento oficial del país como nación. El reconocimiento llegó en un momento en el que la Sociedad de Naciones (el equivalente en el periodo de entreguerras a la actual ONU) comenzó a perder autoridad, en buena medida por las tensiones que acabaron llevando a la Segunda Guerra Mundial.[...]”<sup>222</sup>

Apesar de ter sido reconhecida como nação no ano de 1933, Galiza obteve seu status de comunidade autonômica apenas em 1981. Mas, independente do status que Galiza tinha dentro do Estado Espanhol, mesmo sob duas ditaduras - a de Primo Rivera e Francisco Franco - nas quais a língua galega foi relegada apenas aos espaços privados, não desapareceu por completo e movimentos políticos e culturais buscaram fortalecer o galego como língua literária. Surgiram vários grupos de formação intelectual variada,

<sup>219</sup> MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *O celtismo no processo identitário galego. A literatura fundacional*. In: LUPI, João (org.) *Druidas, Cavaleiros e Deusas*. Florianópolis: Insulas, 2010. p. 211

<sup>220</sup> MOUTINHO, José Viale (org.) *Introdução ao Nacionalismo Galego*. Porto: Paisagem, 1973. Pg. 75

<sup>221</sup> [http://www.eldiario.es/galicia/anos-Galicia-oficialmente-nacion\\_0\\_174982920.html](http://www.eldiario.es/galicia/anos-Galicia-oficialmente-nacion_0_174982920.html)

<sup>222</sup> *Ibidem*.

que tinham como objetivo “a atualização, normalização e universalização da cultura galega, através de projetos no campo literário” <sup>223</sup>, como foi o caso do movimento *Rexionalista* e do *Rexurdimento* cultural.

Pondal assumirá a dimensão da valorização do mito céltico, uma vez que

[...]a função dos mitos é fundamental, uma vez que eles asseguram que a comunidade nacional da qual um indivíduo faz parte possui bases históricas sólidas e incorpora uma continuidade real através das gerações; ademais, os mitos desempenham um papel moralizante, ao expor para os membros da comunidade as virtudes de seus ancestrais e encorajá-los a desenvolvê-las, além de fortalecer seu senso de solidariedade e comprometimento mútuo. No projeto pondaliano, a finalidade do mito era não apenas localizar o rastro histórico do povo galego, mas também estabelecer fundamentos em nome dos quais reivindicar a unidade cultural e política dos galegos, por eles considerados a "gente de Breogán" – sendo este o motivo de seu recurso ao Celtismo[...]<sup>224</sup>

Por isso a obra de Eduardo Pondal se fez importante dentro do movimento do *Rexurdimento* e do *Rexionalismo galego*, pois, ao se tornar o porta-voz do mito fundacional, postulado por Murguía, auxiliou na criação deste e na divulgação do mesmo, além de ter sido importante enquanto uma fonte de literatura em língua nacional. O celtismo nos discursos nacionalistas – sendo eles literários ou não-permaneceu, uma vez que,

O celtismo foi um dos pilares mais firmes sobre os quais se assentou a identidade cultural da Galiza. Realmente, atuou como se tratasse de um "lugar de memória" coletivo. Nenhuma outra característica da história da Galiza teve em sua época defensores tão egrégios, nem tampouco qualquer construção intelectual sobre a identidade da Galiza penetrou tão rapidamente na mentalidade popular. O celtismo, como a chuva, acabou por se converter em algo consubstancial com a Galiza e com os galegos, tanto a partir de um olhar alheio como a partir da consciência própria. Não obstante, o celtismo é um feito intelectual plenamente histórico, isto é, que se reconhece em um espaço temporal preciso. Não constitui nenhuma essência imutável; ao contrário, pode-se rastrear pormenorizadamente todo o processo de sua aparição, sua hegemonia, bem como seu enfraquecimento como paradigma interpretativo da Galiza. Dito em termos mais atuais, poderíamos falar perfeitamente do celtismo como um exemplo de invenção, no sentido de construção de um mito nacional, a partir da investigação histórica baseada na análise de alguns elementos objetivos, tanto materiais ou artísticos (megálitos e castros, em primeiro lugar), como culturais e lingüísticos.<sup>225</sup>

<sup>223</sup> MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Op. cit. p.202

<sup>224</sup> SAMIN, Henrique. *A cantora e o bardo: a construção da identidade galega nos discursos poéticos de Rosalía de Castro e Eduardo Pondal*. Conexão Letras volume 2, número 2, 2006. Disponível em <http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap7.pdf> p. 92

<sup>225</sup> PAZ, Ramón Villares. O galeguismo: do rexionalismo ó nacionalismo". In: VÁZQUEZ VARELA, X. M. et alii. *Nova Historia de Galicia*. A Coruña: Editorial Tambre, 1996 \_\_\_\_\_. Somos los gallegos celtas? A invención do celtismo. A Coruña: La Voz de Galicia, 23 nov. 2001. APUD SAMIN, Henrique. *A cantora e o bardo: a construção da identidade galega nos discursos poéticos de Rosalía de Castro e Eduardo Pondal*. Conexão Letras volume 2, número 2, 2006. Disponível em <http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap7.pdf> p. 93



Este fenômeno pode ser explicado por Barry Cunliffe e John Haywood<sup>226</sup>:

The mysterious Celtic past evoked by antiquarians captured the public imagination across Europe, causing a craze for all things Celtic which has been called the Celtomania. Celtomania was just one manifestation of the Romantic movement of the later 18th-early 19th centuries, a cultural rebellion against materialism and rationalism.[...]By the mid-19th century, the Celtic past had been pressed into the service of nationalism.[...] <sup>227</sup>

One of the most significant recent developments is the growth of Celtic consciousness in Galicia. Culturally and a linguistically distinct from the rest of Spain, it has not been a Celtic-speaking region for over thousand years (Galicia is a Portuguese language). Galicians do not seem to feel the is essential to speak a Celtic language to be Celtic - a sign the Celtic identity is developing independently of its linguistic roots. <sup>228</sup>

A partir do que foi posto, sobre a questão das identidades celtomanas, a criação de uma identidade galega concebida como racial, assentou-se sobre os celtas e os arianos, sendo assim, a ideia da raça se plasmou no discurso histórico e político, as implicações políticas desta identidade foi empregada pelos rexionalistas para ligar ao feito diferencial galego, que consideravam ter bases objetivas. A celtomania fez renascer o sentimento de orgulho nos povos modernos ditos celtas em relação à sua cultura e identidade. Por isso, a importância de demonstrar que o povo galego tinha uma identidade histórica separada e mais antiga que a espanhola/castelhana. A reivindicação anterior ligada às terras galegas permanece importante para a manutenção de uma identidade não-espanhola, e para realçar a sua identidade diferente, os celtas ofereciam as condições para uma construção histórica necessária. Sobre a questão da construção de identidades, Stuart Hall nos diz que:

[...] A identidade tornar-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida *historicamente*, e não *biologicamente*. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. <sup>229</sup>

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. [...] Essas identidades não estão literalmente

---

<sup>226</sup>HAYWOOD, John e CUNLIFFE, Barry. *The Historical Atlas of the Celtic World*. London: Thames & Hudson Ltd., 2009. p. 128

<sup>227</sup> Ibidem, p. 132

<sup>228</sup> Ibidem, pg. 138

<sup>229</sup> HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. 11.ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 13 (itálico nosso)

impressas em nossos genes. Entretanto nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial. [...] <sup>230</sup>

[...] As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica [...] <sup>231</sup>

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura *nacional*. <sup>232</sup>

Sendo assim, a ideia que o *Rexionalismo* tentou imprimir no imaginário galego do século XIX, de uma nacionalidade pré-existe, mas adormecida, não passa de uma construção histórico-ideológica, e não biológica, como afirmava Murguia, no entanto isso não invalida o *rexionalismo* como movimento, é necessário compreender a forma como o discurso *rexionalista* foi construído com a intenção de forjar uma identidade nacional galega. O movimento do *Rexionalismo*, considerado proto-nacionalista, falhou em ser um movimento político relevante, de criar meios para que Galiza fosse considerada uma identidade e uma nação a parte do Estado espanhol, além de não ter conseguido construir um discurso potente em torno da cultura nacional. Compreendendo assim que

[...] Uma cultura nacional é um *discurso*- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos como os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. [...] <sup>233</sup>

No caso galego, a língua e a literatura são inseparáveis, pois, a literatura serviu como suporte linguístico e contextual para a normatização da língua galega. A literatura pode ser considerada a expressão cultural mais completa e elaborada de uma nação. O movimento do *Rexurdimento* foi vinculado ao Romantismo e as tendências valorizadas pelo mesmo, no qual se privilegia a subjetividade, o sentimento, a construção da ideia de nação e de pátria, processo que, segundo Maleval, se consolidou através da língua e da literatura, “[...] Como também a História, considerada durante muito tempo como ciência portadora da verdade irrefutável. Útil, portanto, para a constituição da ideia de

---

<sup>230</sup> HALL, Stuart. Op. cit. p. 48

<sup>231</sup> Ibidem, p. 49

<sup>232</sup> Idem.

<sup>233</sup> Ibidem, p. 51.

unidade nacional, embora saibamos hoje ela é discurso [...] e como tal incapaz de resgatar o real com fidelidade total.”<sup>234</sup> .

A obra poética de Pondal teve como objetivo a propagação de um mito – o celta - e ser suporte para a construção de uma identidade galega não-espanhola. *Queixume dos pinos* foi uma obra fruto da sua época, obra impregnada de intencionalidades, seu autor ao fazer parte do movimento do *Rexionalismo* e do *Rexurdimento* cultural, assumiu a função de cantador da pátria, na qual a sua obra seria o cerne do desenvolvimento da língua e cultura galegas. O uso da mitologia céltica na obra de Pondal pode ser encarado de duas formas: a propagação de um mito de origem para a base da formação de uma identidade distinta e como elemento estético da obra. A obra de Pondal teve um alcance muito pequeno fora dos círculos intelectuais da época, assim, não obteve o alcance necessário a sua pretensão de ser um objeto a auxiliar a criação de uma consciência nacional. Apesar da obra poética pondaliana não ter tido êxito máximo em seu objetivo, através dela é possível extrair um testemunho precioso sobre as questões nacionais que permeavam o discurso galego de alguns grupos sociais do século XIX, serve também, para aqueles que estudam filologia e etimológica como base para a compreensão da formação da atual língua galega, além de ser um elemento para compreender a formação de um sistema literário próprio.

---

<sup>234</sup> MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Op. cit. p. 201.

## Fontes e Referências bibliográficas

### Fontes

PONDAL, Eduardo. *Os pinos (himno gallego)*. Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 10, nº 116, 1917. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2421>. Acessado em: 26/02/2017.

PONDAL, Eduardo. *Queixumes d'os pinos*. La Coruña: Latorre y Martínez, 1886. Disponível em: < <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000093031&page=1>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinos E outros Poemas*. Edição SENÍN, Xavier. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995.

PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas*. Adaptação BREA, Ângelo. Coleção "Clássicos da Galiza": Volume 2. Barcelona: Edições da Galiza, 2011.

### Referências Bibliográficas

ALBERRO, J.L(ed.). *Lebor gabála. Libro de las invasiones de Irlanda*. Ediciones Trea, 2007.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, Carlos. *Mitos de la Historiografía Galleguista*. MANUSCRITS, no 12, Gener 1994, p&S. 245-266. Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/pub/manuscrits/02132397n12/02132397n12p245.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte –Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letas, 1996.

CAAMAÑO GESTO, José Manuel. *A Gran Historia de Galicia. Tomo I – Prehistoria de Galicia*. VI. 2 - O calcolítico e a idade do Bronze. A Coruña: Arrecife Edicións Galegas S.L., 2007.

CALO LOURIDO, Francisco, et. al. *História xeral de Galicia*. Vigo: A Nosa Terra. 1997.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERNÁNDEZ, Bieito Alonso. *Breve Historia do Nacionalismo Galego*. Edicions A Nosa Terra. Vigo: Comercial Gráfica Nós, 1997

FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco. *História da literatura*. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995.

FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Francisco. *O mundo de Eduardo Pondal*. Boletín de La Real Academia Galega Tomo 27, nº 309 -320, 1956, p. 277 - 287. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=6>. Acessado em: 26/02/2017.

FORTES LÓPEZ, Ana Belén. *O Diccionario de escritores gallegos*. Boletín de La Real Academia Galega, Novos Boletíns, nº 361, 2000, p.162-176. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=3361&d-447263-p=1>. Acessado em: 26/02/2017.

FUSI, Juan Pablo. *España, La evolución de La Identidad Nacional*. Colección: Historia • Editorial: EDICIONES TEMAS DE HOY, Madrid: 2000. P. 93 – 107. Disponível em: <[http://www.fundacionfaes.org/file\\_upload/publication/pdf/20130426110711espana-la-evolucion-de-la-identidad-nacional.pdf](http://www.fundacionfaes.org/file_upload/publication/pdf/20130426110711espana-la-evolucion-de-la-identidad-nacional.pdf)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

FUSI, Juan Pablo. *Hechos diferenciales y particularismo cultural: Cataluña, País Vasco, Galicia*. Cuadernos de Historia Contemporánea, 1998, número 20. 107-115. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/view/CHC09898110107A/7011>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GEARY, Patrick J. *O Mito das Nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Contrad Editora do Brasil, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A Retórica da Perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Capítulo Um: Patrimônio cultural e narrativas nacionais. 2ª edição. Editora UFRJ/MinC - Iphan: Rio de Janeiro, 2002. Pg. 13-35.

GONZÁLEZ, Justo Beramendi. *A Gran História de Galicia. Tomo XIV – A Galicia Autónoma (desde a transición)*. VI. 2 - Os Primeiros pasos da Autonomía. A Coruña: Arrecife Edicións Galegas S.L., 2007.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HAYWOOD, John. *Os celtas – da idade do bronze aos nossos dias*. Lisboa: Edições 70, 2009.

HAYWOOD, John e CUNLIFFE, Barry. *The Historical Atlas of the Celtic World*. London: Thames & Hudson Ltd., 2009.

HOBSBAWNM, E.J. e RANGER, Terence (org.). *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOBSBAWNM, E.J. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

IGLESIAS, Francisco Rodríguez. [Editor]. *Galicia. Historia. Tomo I: Prehistoria e Historia antiga*. A Coruña: Hércules de Ediciones, 1991.

IGLESIAS, Francisco Rodríguez. [Editor]. *Galicia. Historia. Tomo II: Galicia na época Medieval*. A Coruña: Hércules de Ediciones, 1991.

IGLESIAS, Francisco Rodríguez. [Editor]. *Galicia. Historia. Tomo VII: Historia Contemporánea. Política (século XIX)*. A Coruña: Hércules de Ediciones, 1991.

JUANA, Jesús de; CASTRO, Xavier de. *Historia comparada del Nacionalismo gallego y bretón*. Revista de la Facultad de Geografía e Historia, núm. 1, 1987, págs. 119-143. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/viewFile/2663/2524>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. *O celtismo no processo identitário galego. A literatura fundacional*. In: LUPI, João (org.) *Druidas, Cavaleiros e Deusas*. Florianópolis: Insulas, 2010.

MÁIZ, Ramón. “España” y “estado español” en el discurso político del nacionalismo gallego histórico (1886-1993) \*. Revista Historia y Política, número 04, Julio/Diciembre 2000. P. 171 – 208. Disponível em: <[http://webspersoais.usc.es/export/sites/default/persoais/ramon.maiz/descargas/Artigo\\_31.pdf](http://webspersoais.usc.es/export/sites/default/persoais/ramon.maiz/descargas/Artigo_31.pdf)> . Acesso em: 25 de novembro de 2015.

MÁIZ, Ramón. *Nación de breogan: oportunidades políticas y estrategias Enmarcadoras en el movimiento nacionalista gallego (1886-1996)* (\*) Revista de Estudios Políticos (Nueva Época) Núm. 92. Abril-Junio 1996. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/27393.pdf](http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/27393.pdf)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

MÁIZ, Ramon. *O Rexionalismo Galego: organización e ideoloxía (1886-1907)*. Cuadernos da Área de Ciências Xurídicas 1. Publicacións do Seminario de Estudos Galegos. A Coruña: Edicións do Castro, 1984.

MÁIZ, Ramón. *Raza y mito Celta en los orígenes del nacionalismo gallego: Manuel Murguía*. Reis: Revista española de investigaciones sociológicas, N° 25, 1984, págs. 137-180. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/251104.pdf](http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/251104.pdf)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

MAY, Pedro Pablo G. *Os Mitos Celtas*. Coleção A Chave Azul. São Paulo: Editora Angra, 2002.

MONTEAGUDO, Henrique. *Ideas de Manuel Murguía sobre o idioma galego*. Boletín de la Real Academia Galega, Novos Boletíns, n° 361, 2000, p. 197 - 220. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=3365>. Acessado em: 26/02/2017.

MOREU, Carlos. *Los Hijos de Breogan: Historia y leyenda de los pueblos célticos*, Madrid: E-livro editado pelo autor, 2012. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Breog%C3%A1n-Historia-leyenda-pueblos-c%C3%A9lticos-ebook/dp/B009QYUSU8/ref=sr\\_1\\_2?ie=UTF8&qid=1488864799&sr=8-2&keywords=Carlos+Moreu](https://www.amazon.com.br/Breog%C3%A1n-Historia-leyenda-pueblos-c%C3%A9lticos-ebook/dp/B009QYUSU8/ref=sr_1_2?ie=UTF8&qid=1488864799&sr=8-2&keywords=Carlos+Moreu)

MOUTINHO, José Viale (org.) *Introdução ao Nacionalismo Galego*. Porto: Paisagem, 1973.

MURGUÍA, Manuel. *Eduardo Pondal e a sua obra*. Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 21, n° 248, 1933. p. 184 - 193. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=390>. Acessado em: 26/02/2017.

MURGUÍA, Manuel. *El regionalismo gallego: ligeras observaciones por Manuel Murguía al discurso leído por el señor D. Antonio Sánchez Moguel en su recepción en la Real Academia de la Historia de Madrid, el 8 de diciembre de 1888*. Habana: Imp. y Papelería "La Universal" de Ruiz y Hno, 1889. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000105520&page=1>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

MURGUÍA, Manuel. *Historia de Galicia: tomo primero*. 2ª ed. A Coruña: Librería de Eugenio Carré, 1901. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000111283&page=1>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

OTERO PEDRAYO, Ramón. *Ensaio Histórico sobre a Cultura Galega*. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editora Galaxia, 1995.

PEREIRA GONZÁLEZ, Fernando. Manuel Murguía e a lenda de Breogán Gallaecia: Revista de Arqueoloxía e Antigüidade, N. 33. P. 281 - 307. Disponível em: <[https://www.academia.edu/15670595/Manuel\\_Murgu%C3%ADa\\_e\\_a\\_lenda\\_de\\_Breog%C3%A1n](https://www.academia.edu/15670595/Manuel_Murgu%C3%ADa_e_a_lenda_de_Breog%C3%A1n)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

PEREIRA GONZÁLEZ, Fernando. *Nas orixes do celtismo galego: Os celtas na historiografía dos séculos XVII e XVIII*. 2014. Disponível em : <[https://www.academia.edu/9281191/Nas\\_Orixes\\_do\\_Celtismo\\_Galego.\\_Os\\_celtas\\_na\\_historiograf%C3%ADa\\_dos\\_s%C3%A9culos\\_XVII\\_e\\_XVIII](https://www.academia.edu/9281191/Nas_Orixes_do_Celtismo_Galego._Os_celtas_na_historiograf%C3%ADa_dos_s%C3%A9culos_XVII_e_XVIII)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

PEREIRA GONZÁLEZ, Fernando. *Raza e alteridade. A reflexión sobre a diversidade humana na Galicia do século XIX*. [Cópia do autor]. 2001. Disponível em: <[https://www.academia.edu/6901391/Raza\\_e\\_alteridade.\\_A\\_reflexi%C3%B3n\\_sobre\\_a\\_diversidade\\_humana\\_na\\_Galicia\\_do\\_s%C3%A9culo\\_XIX](https://www.academia.edu/6901391/Raza_e_alteridade._A_reflexi%C3%B3n_sobre_a_diversidade_humana_na_Galicia_do_s%C3%A9culo_XIX)>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

PLACE, Robin. *Os Celtas*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

POWEL, T.G.E. *Os Celtas*. 1º volume da coleção Historia Mundi. Lisboa: Editorial Verbo, 1974.

RAFTERY, Joseph (org.). *¿ Quen foron os celtas?*. Serie Keltia. Galiza: Editora Toxosoutos, 2002.

RENERO, Víctor M. *Diccionario del mundo Celta*. Colección: DIDO Diccionarios. Madrid: Alderabán Ediciones, 1999.

RICÓN VIRULEGIO, Amado. *Origen y sentido del himno gallego*. Boletín Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 31, nº 356, 1974 p. 46 -54. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2783>. Acessado em: 26/02/2017

SAMIN, Henrique. *A cantora e o bardo: a construção da identidade galega nos discursos poéticos de Rosalía de Castro e Eduardo Pondal*. Conexão Letras volume 2, número 2, 2006. Disponível em <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap7.pdf>> . Acesso em: 25 de novembro de 2015.

SANTANA, Beatriz Díaz. *Os celtas em Galicia - Arqueoloxía e política na creación da identidade galega*. Serie Keltia. Galiza: Editora Toxosoutos, 2002.

SANTANA, Beatriz Díaz. La cultura castreña y el proceso de creación de la identidad nacional gallega. ArqueoWeb - Revista sobre Arqueología en Internet. - <http://www.ucm.es/info/arqueoweb> - 3(3) diciembre 2001. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/3-3/diaz.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

SEIXAS, Xosé M. Núñez. *Os nacionalismos na Espanha contemporânea: uma perspectiva histórica e algumas hipóteses para o presente \*\**. Análise Social, vol. xxx



(131-132), 1995 (2.º-3.º), 489-526. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223380921I5qRE8oj8Nl88ZC7.pdf>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

SOUTO, Carlos A Antuña. *El nacionalismo gallego (1916-1936). Una madurez inconclusa*. Espacio, Tiempo y Forma, Serie V, Hª Contemporánea, t. 13, 2000, págs. 415-440. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/ETFV/article/viewFile/3020/2880>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015.

VALDÉS, Manuel. *Testimonios de una amistad entrañable. Tres cartas, inéditas, de Pondal a Murguía*. Boletín de La Real Academia Galega. Tomo 28, nº 321-326, 1957, p. 173 - 178. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2504&d=447263-p=1>. Acessado em: 26/02/2017

VARELA, José Luis. *Poesía y restauración cultural de Galicia en el siglo XIX*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1958.

VILARIÑO PICOS, María Teresa. *Paisajes, geografía literaria e identidad nacional*. Tropelías. Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada, 15-17 (2004-06). Disponível em: <<https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/tropelias/article/view/506>>. Acesso em: 25 de novembro de 2015

**ANEXOS**

## Anexo A

RICÓN VIRULEGIO, Amado. *Origen y sentido del himno gallego*. Boletín Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 31, nº 356, 1974 p. 51. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2783> . Acessado em: 26/02/2017

Sr. D. Eduardo Pondal.

Muy señor mio: A la sociedad coral Orfeón Coruñés núm. 4, que me honro presidir, le ha sido confiada la misión de celebrar un certamen música en el próximo mes de agosto. La comisión organizadora acordó conceder un premio al mejor himno regional gallego; que sea la expresión fiel del espíritu de esta región; con objeto que a la manera de la Marcha Real, Marsellesa, etc., sea cantada en Galicia con el entusiasmo que despierta en el ánimo el sentimiento de la patria.

Ahora bien: dada la condición de ser para cantada dicha marcha, se hace necesario una letra, y nadie mejor que Vd., ilustre e inspirado vate, puede cumplir las aspiraciones que abrigamos: no dudando que el que tan admirablemente ha sabido cantar las bellezas de la región gallega, y siente latir su pecho de entusiasmo por el adelantamiento y progreso de nuestra pequeña patria, había de coadyuvar con su inspiración poderosa a la realización de nuestro proyecto, componiendo unas sencillas estrofas que sean como un suspiro regional.

Reciba Vd., pues, por anticipado, mi más profundo agradecimiento a la par que la seguridad de la más distinguida consideración con que soy de Vd. affmo. segu. serv., q.b.s.b.

Pascual Veiga

S/C Puerta de Aires, 13-2º

RICÓN VIRULEGIO, Amado. *Origen y sentido del himno gallego*. Boletín Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 31, nº 356, 1974 p. 51-5. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2783>. Acessado em: 26/02/2017

Orfeón Coruñes, núm. 4.

Comisión Organizadora del  
Certame Musical

La Coruña, 7 de abril de 1890.

Sr. D. Eduardo Pondal.

Muy señor mio y respetable amigo: He recibido con su atenta grata del 5 sus hermosas estrofas y me apresuro a enviarle las gracias más expresivas, tanto por su pronta y fina atención en satisfacer mis deseos, cuanto por su exquisita amabilidad por los conceptos favorables que su citada misiva encierra para esta Sociedad.

Quisera, sin embargo, abusando de su confianza, tuviese la bondad de hacer unas pequeñas correcciones en lo que respecta a la acentuación, puesto que se trata de una poesía lírica y esta clase de composiciones exigen una simetría perfecta en los acentos para que el ritmo musical se incruste, digámoslo así, en la letra, a fin de que aparezca ésta sin quebramiento alguno en su forma gramatical.

Así es que almodaría perfectamente que la primera cuarteta se compusiera de la siguiente forma: los tres primeros versos exactamente iguales al 1º que empieza:

“Que din os rumorosos”

y el cuarto tal como está, o sea:

“Do prácido luar.”

Mas claro, si a Vd, le parece, por ejemplo:

“La-ra-rí-ra la-ra-rí-rá

La-rá-ra la-ra-rá-ra

La-rí-rá la-ra-rá-ra

La-rá-ra la-ra-ra-rá”

y de igual forma las demás cuarteta; puesto que la música no cogerá más que dos octavas, no obstante puede Vd. Estenderse hasta seis u ocho para que pueda repertise aquélla.

Bien comprendo que con mis observaciones le seré a Vd. altamente molesto, pero en el deseo que la obra tenga el lucimiento posible, tanto para el poeta como para el maestro compositor, de ahí la causa de ellas.

Y anticipando a Vd. nuevamente gracias por este señalado favor, me reitero affmo. s.s.q.b.s.m.

Pascual Veiga.

RICÓN VIRULEGIO, Amado. *Origen y sentido del himno gallego*. Boletín Boletín de La Real Academia Galega, Tomo 31, nº 356, 1974 p. 54-55. Disponível em: <http://academia.gal/imaxin-boletins-web/paxinas.do?id=2783>. Acessado em: 26/02/2017

La Coruña, 22 de abril de 1890.

Sr. D. Eduardo Pondal.

Muy señor mío y de mi consideración: He recibido su hermosísima poesía que me ha dejado completamente satisfecho bajo todos puntos de vista, cual no podía por menos suceder siendo hija de un tan esclarecido ingenio que es honra de Galicia.

Además de la Sociedad que represento, quedo obligado a su fina intención para conmigo, deseando tener un motivo para poder demostrar a Vd. mi eterno reconocimiento.

Reciba Vd. pues mi enhorabuena con los sentimientos más distinguidos de la más alta consideración con que soy de Vd. affmo. s.s.q.b.s.m.

Pascual Veiga

## Anexo B

Boletín de la Real Academia Gallega 207

OS PINOS  
(HIMNO GALLEGO)

¿Qué dín os rumorosos  
na costa verdecente,  
o rayo transparente  
do prácido luar?  
¿Qué dín as altas copas  
d'escuro arume arpado,  
e'o sou ben compasado  
monótono lungar?...

—Do teu verdor cinguido  
e de benignos astros  
confin dos verdes castros  
e valeroso chán,  
non dés á esquecemento  
da inxuria o rudo encono;  
desperta do teu sono,  
fogar de Breogán (1).

Os bóos e xenerosos  
a nosa voz entenden,  
e con arronho atenden  
o noso rouco son;  
mais só os ignorantes,  
e féridos e duros,  
imbéciles e escuros  
non los entenden, non.

Os tempos son chegados  
dos bardos das edades,  
qu'as vosas vaguedades,  
cumprido fin terán;  
pois donde quér xigante  
a nosa voz pregón  
a redenzón da húa  
nazón de Breogán.

Teus fillos vagorosos  
en quén honor só lato,  
a intrépido combate  
dispondo o peito van;  
só, por tí mesma, libro  
d'indigna servidume  
e d'oprobioso alcume,  
rexión de Breogán.

À noble Lusitania  
os brazos tende amigos,  
os eidos ben antigos  
con un punxente afán;  
e cumpre ás vaguedades  
dos teus soantes pinos,  
d'uns máxicos destinos,  
¡oh grey de Breogán!

Amor da terra verde,  
da verde terra noaa,  
encende a raza briosa  
d'Ousinde e de Froxán;  
qu'aló nos seus garridos  
xustillos, mal constreitos,  
os dóces e albos peitos  
das fillas de Breogán.

Que á noble prole insinen  
fortísimos acentos;  
non mólidos concertos,  
qu'ás virxas só ben'stán;  
mais os robustos ecos  
que ¡oh patria! ben recordas  
das sonoras cordas  
das arpas de Breogán.

Estíma non s'alcauza  
c'un vil xemido brande;  
calquer requer rogando,  
con voz qu'esquecarán;  
mais c'un rumor xigante,  
subrime e parecido  
o intrépido sonido  
das armas de Breogán.

Gallegos, sede fortes;  
prontos a grandes feitos;  
aparelláde os peitos  
a glorioso afán;  
fillos dos nobres celtas,  
fortes e peregrinos,  
luitade pl'os destinos  
dos eidos de Breogán.—

(1) Antigo caudillo de los celtas gallegos.

**Os Pinhos versão de 1890<sup>i</sup>**

Quem dim os rumorosos,  
na costa verdecente,  
ao raio transparente  
do plácido luar...?

Que din as altas copas  
de escuro arume haspado  
co seu bem compassado,  
monótono fungar?

-<< Do teu verdor cingido  
e de benignos astros,  
confim dos verdes castros  
e valoroso clã,  
não dês a esquecimento  
da injúria o rude encono,  
desperta do teu sono,  
fogar de Breogão.

Os bons e generosos  
a nossa voz entendem,  
e com arroubo atendem  
o nosso rouco som;  
mas sós os ignorantes,  
e férridos e duros,  
imbecis e escuros  
não os entendem, não.

Os tempos são chegados



dos bardos das idades,  
que as nossas vaguidades  
cumprido fim terão;  
pois onde quer, gigante,  
a nossa voz pregoa  
a redenção da boa  
nação de Breogão.

Teus filhos vagarosos  
em que honor só late,  
a intrépido combate  
dispondo o peito vão;  
sê por ti mesma livre  
de infingina servidume  
e de oprobioso alcume  
região de Breogão.

À nobre Lustiânia  
os braços tende amigos,  
que os eidos vem, antigos,  
com um pungente afã;  
e cumpre as vaguidades  
dos teus soantes pinhos,  
duns mágicos destinos,  
ó grei de Breogão!

Amor da terra verde,  
da verde terra nossa,  
acende a raça briosa

de Ousinde e de Frojão  
e lá nos seus garridos,  
justilhos, mal constreitos,  
os doces alvos peirtos  
das filhas de Breogão;

que à nobre prole ensinem  
fortíssimos acentos,  
não mólidos concentos  
que a virgens só bem'stão;  
mas os robustos ecos  
que, ó pátria!, bem recordas  
das sonoras cordas  
das harpas de Breogão!

Estima não se alcança  
c'um vil gemido brando,  
qual quem requer rogando  
com voz que esquecerão;  
mas c'um rumor gigante,  
sublime e parecido  
ao intrépido sonido  
das armas de Breogão!

**Os Pinhos**  
**(versão do ano 1935)**  
**Hino galego<sup>ii</sup>**

Que dim os rumorosos,  
na costa verdecente,  
ao raio transparente  
do plácido luar...?

Que dim as altas copas  
de escuro arume arpado  
co seu bem compassado,  
monótono fungar?

-<< Do teu verdor cingido  
e de benignos astros,  
confim dos verdes castros  
e valoroso chã,  
não dês a esquecimento  
da injúria o rude encono,  
desperta do teu sono  
fogar de Breogão.

Os bons e generosos  
a nossa voz entendem  
e com arroubo atendem  
o nosso rouco som;  
mas só os ignorantes,  
e féridos e duros,  
imbecis e escuros

não os entende , não.

Os tempos são chegados  
dos bardos das idades,  
que as nossas vaguidades  
cumprido fim terão;  
pois onde quer, gigante,  
a nossa voz pregoa  
a redenção da boa  
nação de Breogão.

Teus filhos vagarosos  
em que honor só late,  
a intrépido combate  
dispondo o peito vão;  
sê por ti mesma livre  
de infingina servidume  
e de oprobioso alcume  
região de Breogão.

À nobre Lustiânia  
os braços tende amigos,  
que os eidos vem, antigos,  
com um pungente afã;  
e cumpre as vaguidades  
dos teus soantes pinhos,  
duns mágicos destinos,  
ó grei de Breogão!

Amor da terra verde,  
da verde terra nossa,  
acende a raça briosa  
de Ousinde e de Frojão  
e lá nos seus garridos,  
justilhos, mal constreitos,  
os doces alvos peirtos  
das filhas de Breogão;  
que à nobre prole ensinem  
fortíssimos acentos,  
não mólidos concentos  
que a virgens só bem'stão;  
mas os robustos ecos  
que, ó pátria!, bem recordas  
das sonoras cordas  
das harpas de Breogão!

Estima não se alcança  
c'um vil gemido brando,  
qual quem requer rogando  
com voz que esquecerão;  
mas c'um rumor gigante,  
sublime e parecido  
ao intrépido sonido  
das armas de Breogão!

Galegos, sede fortes,  
prontos a grandes feitos,  
aparelhai os peitos

a glorioso afã;  
filhos dos nobres celtas,  
fortes e peregrinos  
lutai pelos destinos  
dos eidos de Breogão>>

---

<sup>i</sup> PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos Pinhos e Outros Poemas*. Adaptação BREA, Ângelo. Coleção "Clássicos da Galiza": Volume 2. Barcelona: Edições da Galiza, 2011. p. 187-189

<sup>ii</sup> *Ibidem*, p. 190 – 192.